



# Vidas atingidas

Histórias coletivas de  
luta na Baía de Sepetiba

*Vidas Atingidas: historias colectivas  
de lucha en la Bahía de Sepetiba*

Edição  
Bilingue  
Pt-Esp





## Vidas Atingidas: histórias coletivas de luta na Baía de Sepetiba

### Realização

Instituto Políticas Alternativas  
para o Cone Sul - Pacs  
Rua Henrique Valadares,  
23, sala 504 - Centro, Rio de  
Janeiro / Tel: +55 21 2210-  
2124 / [pacs@pacs.org.br](mailto:pacs@pacs.org.br) /  
[www.pacs.org.br](http://www.pacs.org.br)

### Coordenação Colegiada

Aline Alves de Lima  
Manoela Justo  
Marina Praça

### Textos perfis

Iara Moura  
Janaína Pinto

### Edição

Iara Moura  
Marina Praça

### Entrevistados

Aline Marinho  
Aliane Marins

Thábata Ribeiro

Wanessa Afonso  
Ozeas Quintanilha  
Jaci do Nascimento  
Lindinalva Maria  
Hermógenes José  
Camila Alves  
Ana Reis  
Elô Nunes  
Marta Mendes Fonseca  
Regina Aparecida  
Maria Regina  
Tânia Maria  
Rosimeri Almeida

### Tradução

Lívia Abdalla

### Revisão

Heitor Levy  
Jun Shimada

### Artigos

Ana Marcela  
Marina Praça

### Fotos

Anette Alencar

### Projeto gráfico e diagramação

Mardônio Andrade

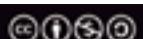
### Apoio



FASTENOPFER

**Brot**  
**für die Welt**

ISBN 978-85-89366-44-1



Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 4.0  
Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)

Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

A menos que indicado o contrário, textos e fotos desta obra estão licenciados com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 4.0 Internacional. Todos os textos podem ser utilizados, copiados, distribuídos, exibidos ou reproduzidos em qualquer meio ou forma, seja mecânico, seja eletrônico, incluindo fotocópia, desde que não tenha objetivo comercial e sejam citadas as fontes, autores e autoras.

# **sú má rio**

//RESUMEN

6

Apresentação // Presentación

10

Corpos-movimento: produzindo vidas de re-existência // Cuerpos-movimiento: produciendo vidas de re-existencia

16

Até onde a vista alcança é pouco: a história continuada de Dona Martha Trindade // Hasta donde la vista alcanza es poco: la historia continuada de Dueña Martha Trindade

26

As mulheres-vento da Baía de Sepetiba // Las mujeres-viento de la Bahía de Sepetiba

34

A vida voltada para as águas // A vida volcada hacia las aguas

44

Sepetiba ou a casa-baía de Kika // La casa-bahía de Kika aguas

52

Vizinhas de Santa Cruz entre segredos e esquecimentos // Vecinas de Santa Cruz entre secretos y olvidos

64

Sobre tainhas, movimento e resistência: As subjetividades “atingidas” // Sobre salmonetes, movimiento y resistencia: Las subjetividades “impactadas”

72

Notas

**aprē  
señ  
taçāō**

//PRESENTACIÓN

*J de que está echo la vida si no de esta materia que es el cotidiano? Es en el día a día más banal, en las actividades repetitivas y muchas veces automatizadas que la vida más ordinaria de cada uno de nosotros se hace milagro en medio a significaciones que vamos inventando. En la labor con el pescado, con el barrer a la casa, con la toma y la beneficiación del marisco, en las batallas juveniles por estudiar y soñar, en el curro para garantizar el desayuno, almuerzo, cena y aún el té para aliviar la tos y la ducha que cura el picor, es donde la vida acontece.*

*Hay una testarudez velada en el acto de levantarse e inaugurar los días para las mujeres, jóvenes, pescadoras y pescadores, marisqueras que tienen en la Bahía de Sepetiba su casa. Son esos pequeños-grandes des-acontecimientos verdaderas ranuras en el espacio-tiempo de las grandes industrias, de los puertos, de los medios de comunicación de masa.*

*La bahía que nadie ve, lejos de la “ciudad”, es morada y vida de mucha gente que disputa espacio con los tales megaproyectos de desarrollo de Rio de Janeiro. Son esas vidas impactadas las protagonistas aquí.*

**D**e que é feita a vida senão desta matéria etérea que é o cotidiano? É no dia a dia mais banal, nas atividades repetitivas e muitas vezes automatizadas, que a vida mais ordinária de cada um de nós se faz milagre em meio a significações que vamos inventando. Na lida com o pescado, com a varreção da casa, com a pega e o beneficiamento do marisco, nas pelejas juvenis por estudar e sonhar, na correria para garantir café da manhã, almoço, jantar e ainda o chá para aliviar a tosse e o banho que cura a coceira, é onde a vida acontece.

Há uma teimosia velada no ato de se levantar e inaugurar os dias para mulheres, jovens, pescadoras e pescadores, marisqueiras que têm na Baía de Sepetiba sua casa. São esses pequenos-grandess desacontecimentos<sup>1</sup> verdadeiras fendas no espaço-tempo das grandes indústrias, dos portos, da mídia de massa.

A baía que ninguém vê, longe da “cidade”, é morada e vida de muita gente que disputa espaço com os tais megaprojetos de desenvolvimento no Rio de Janeiro. São essas vidas atingidas as protagonistas aqui.

Os perfis são resultado de encontros-entrevistas coletivas. Como no exercício das arpílleras e

bordadeiras, diversos retalhos vão se unindo pouco a pouco para formar um tecido narrativo possível. O bordado final dá conta de uma memória atravessada por não escolhas.

Aos pescadores não foi perguntado sobre o melhor lugar para instalar o porto e a barragem que desvia água para esfriar os fornos da siderúrgica. À Kika e suas colegas marisqueiras nem se deram ao trabalho de avisar quando um novo porto aportou. Não houve consulta aos jovens do Coletivo Martha Trindade, à época crianças, quando da inauguração da maior siderúrgica da América Latina onde outrora era campinho, rua sem saída e ponte sobre o canal. Ninguém ouviu os reclames das mulheres, as primeiras a notar a poeira se adensando sobre os pulmões dos bebês. Um novo mapa foi sobreposto a despeito da vida que ali se aninhava e se renovava na passagem dos dias. À Baía de Sepetiba, aos mangues, aos rios, às árvores, aos peixes também não perguntaram nada.

Enquanto os bairros de Santa Cruz e Sepetiba eram invadidos, a vida cotidiana transcorria. Para além dos números de poluentes e o alarde do lucro de exportação das *commodities*, as pessoas foram se achegando umas nas outras atrás de fôlego e estratégias de ir re-existindo. É no olhar e escuta atentos a essas memórias subversivas que este livro nasce. **Vidas Atingidas – histórias coletivas de luta na Baía de Sepetiba** dá continuidade à série lançada com a publicação **Atingidas – histórias de vida de mulheres na cidade olímpica**.

O livro marca duas décadas de atuação do **Instituto Pacs** na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A partir do olhar crítico e do fortalecimento das resistências dos territórios que compõem essa macrorregião da cidade, o Pacs vem produzindo pesquisas, relatórios, cartilhas, vídeos e diversos outros materiais de educação popular<sup>2</sup> que expõem as violações de direitos e os impactos socioambientais causados pelos chamados megaprojetos e megaeventos.

Não por acaso, a Zona Oeste é território escolhido

Los perfiles son resultado de encuentros-entrevistas colectivas. Como en el ejercicio de las arpillerías y bordadoras, diversos retazos van uniéndose poco a poco para formar una tela narrativa posible. El bordado final, da cuenta de una memoria atravesada por no opciones. A los pescadores no fue preguntado sobre el mejor lugar para instalar el puerto y la represa que desvía agua para enfriar los hornos de la siderúrgica. A Kika y sus colegas marisqueras siquiera tuvieran el trabajo de avisarlas cuando un nuevo puerto aportó. No hubo consulta a los jóvenes del Coletivo Martha Trindade, a la época niñas, cuando la inauguración de la mayor siderúrgica de América latina donde antaño era campo, calle sin salida, puente sobre el canal. Nadia oyó los reclamos de las mujeres, las primeras a notar el polvo adensándose sobre los muebles y los pulmones de bebés. Un nuevo mapa fue sobrepuerto a pesar de la vida que allí se anidaba y se renovaba con el pasar de los días. A la bahía de Sepetiba, a los manglares, a los ríos, a los arboles, a los peces también nada preguntaran.

Mientras los barrios de Santa Cruz y Sepetiba eran invadidos, la vida cotidiana transcurría. Además de los números de los contaminantes y el alarde del lucro de exportación de las commodities, las personas se aproximaron unas a las otras tras el aliento y estrategias de ir re-existiendo. Es en la mirada y escucha atentas a esas memorias subversivas que este libro nasce. Vidas impactadas – historias colectivas de lucha en la Bahía de Sepetiba da continuidad a la serie lanzada con la publicación Impactadas – historias de vida de mujeres en la ciudad olímpica.

El libro marca dos décadas de actuación del Instituto Pacs en la zona oeste de Rio de Janeiro. A partir de la mirada critica y del fortalecimiento de las resistencias en los territorios que componen esa macro región de la ciudad, el Pacs viene produciendo investigaciones, informes, cartillas, videos y diversos materiales de educación popular<sup>1</sup> que exponen las violaciones de derechos y los impactos socio ambientales causados por los llamados megaproyectos y megaeventos.

*No por el acaso, la zona oeste es el territorio elegido para la realización de los Juegos Panamericanos, el Mundial de Fútbol y los Juegos Olímpicos. Es en esta región que se ubica la Bahía de Sepetiba y el Macizo de Pedra Branca – riquezas ambientales de enorme proporción, que abren muchas posibilidades para el avance del modelo de desarrollo centrado en la producción y exportación de materias primas. Es esta región de la ciudad también que vive la mayor parte de la población negra, lo que califica su elección como zona de sacrificio. La zona oeste tornase así una especie de síntesis de contradicciones de tal modelo socioeconómico, que, bajo el argumento de desarrollar, exclui, agota y mata.*

*En este contexto, importa visibilizar las violencias sufridas por las mujeres – sobretodo las negras –, las negaciones, aquello que no tiene espacio en los grandes medios. Pero interesa igualmente entrever y fortalecer las redes y estrategias de resistencia – desde aquellas organizadas en colectivos hasta aquellas más intuitivas –, las estratagemas cotidianas, las maneras de irse levando la vida y dando sentido a la existencia a pesar de las presiones del capital, de la violencia del Estado, de aquello que gana espacio de destaque en los periódicos.*

*Este libro responde al deseo de contribuir para que la tela fina de estas vidas impactadas – banales, invisibles – enseñe su fuerza a más gente. No hay otra historia si no la contada.*

para a realização dos Jogos Pan-Americanos, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. É nessa região que se localiza a Baía de Sepetiba e o Maciço da Pedra Branca – riquezas ambientais de enorme proporção, que abrem muitas possibilidades para o avanço do modelo de desenvolvimento centrado na produção e exportação de matérias-primas. É nessa região da cidade também que vive proporcionalmente a maior parte da população negra, o que qualifica sua escolha como zona de sacrifício. A Zona Oeste se torna assim uma espécie de síntese das contradições de tal modelo socioeconômico, que, sob o argumento de desenvolver, exclui, esgota e mata.

Nesse contexto, importa visibilizar as violências sofridas por pessoas – sobretudo as mulheres negras –, as negações, aquilo que não tem espaço na grande mídia. Mas interessa igualmente entrever e fortalecer as redes e estratégias de resistência – desde aquelas organizadas em coletivos até aquelas mais intuitivas –, os estratagemas cotidianos, os jeitos de ir se levando a vida e dando sentido à existência a despeito das pressões do capital, da violência do Estado, daquilo que ganha espaço de destaque nos jornais.

Este livro responde ao desejo de contribuir para que a teia fina dessas vidas atingidas – banais, invisíveis – mostre sua força a mais gente. Não há outra história senão a contada.



|||||| ARTIGO.ARTÍCULO

# **Corpos-movimento: produzindo vidas de re-existência**

Cuerpos-movimiento: produciendo  
vidas de re-existencia

*Nuestros cuerpos caminan por las calles, cogen autobús, tren y furgoneta, se chocan con los dolores del mundo como si fueran un puñado de actos banales de la vida. Pero cada paso, cada decisión de irse por un camino y no por otro, cada encuentro entre cuerpos, las heridas marcadas, los cruces tienen un tanto de premeditado o de forzoso.*

*Cuando nosotras, mujeres, creamos estrategias cotidianas para preservar nuestros cuerpos de la lógica patriarcal violenta que nos imponen terminamos por tornar nuestros cuerpos activos y resistentes. Esas acciones, consideradas muchas veces actos de subversión, ni siempre son una opción consciente; son, nada más, nada menos, que prácticas para garantizar la vida. En este sentido, lo que nuestro recogido en la zona oeste puede enseñarnos es que mujeres, negras, trabajadoras, pescadores/as, agricultores/as y comunidades empobrecidas son compuestas por luchadoras, fortalezas -aunque frágiles - que se constituyen resistencias en la propia afirmación de sus existencias. Trayectorias que se potencializaron al avanzar por un camino político intencional, identificando a los conflictos vividos, a los sujetos y a la definición de qué lado pararse en la historia*

*Así, las Vidas afectadas que componen este libro crean, y aquí comparten conozco, sus historias colectivas de producción del vivir. Esos cuerpos atingidos toman su condición precaria, la vivencia de un medio de subsistencia amenazado, infraestructura amenazada o negada, como una condición para su acción de visibilización y manifestación<sup>1</sup>. La*

**N**ossos corpos caminham pelas ruas, pegam ônibus, trem e van, esbarram com as dores do mundo parecendo só um apanhado de atos banais da vida. Mas cada passo, cada tomada de decisão de ir por um lado e não por outro, cada encontro entre corpos, as feridas marcadas, os cruzamentos têm um tanto de propositado ou de forçoso.

Quando nós, mulheres, criamos estratégias cotidianas para preservar nossos corpos da lógica patriarcal violenta que nos é imposta acabamos por tornar nossos corpos ativos e resistentes. Essas ações, consideradas muitas vezes atos de subversão, nem sempre são uma opção consciente; são, nada mais nada menos, que práticas para garantir a vida. Nesse sentido, o que nossa caminhada na Zona Oeste pode nos ensinar é que mulheres, negras, trabalhadoras, pescadores/as, agricultores/as e comunidades empobrecidas são compostas por lutadoras, fortalezas – mesmo que frágeis – que se constituem resistências na própria afirmação de suas existências. Trajetórias que se potencializam ao avançar por um caminho político intencional, identificando os conflitos vividos, os sujeitos e a definição de em que lado se encontrar na história.

Assim, as vidas atingidas que compõem este livro criam, e aqui compartilham conosco, suas histórias coletivas de produção do viver. Esses corpos atingidos tomam a sua condição precária, a vivência de um meio de subsistência ameaçado, infraestrutura ameaçada ou negada como uma condição para sua ação de visibilização e manifestação<sup>1</sup>. A

desigualdade estrutural estabelecida por esse modelo de desenvolvimento capitalista patriarcal e racista coloca a luta por sobrevivência, a ruptura com o estado inerte de “aceitação” do que é colocado como usual, normal, cotidiano, em uma grande ação de reexistência.

O cenário construído pela Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA) – *playground* de riquezas transnacionais dominado ora pelo capital alemão (Thyssenkrupp), ora pelo italiano (Ternium), em parceria com a Vale e o Estado Brasileiro – no bairro de Santa Cruz é o da necessidade permanente de ação e criação de estratégias para viver. A produção do aço, somada ao total descaso e à connivência do Estado, fazem desse território mais um “mundo de mortes”<sup>2</sup> – nesse caso, uma morte lenta e dolorida pelo impacto da poluição ambiental, do pó de aço que atinge os olhos, os brônquios e os poros respiratórios das plantas. Ele acaba com a agricultura enquanto meio de subsistência, com os peixes que não se multiplicam mais como antes e extermina vidas animais e formas de vidas humanas. O não cumprimento de leis, a flexibilização de legislações, o compromisso do judiciário com a empresa – tudo amparado na falácia do discurso do desenvolvimento – estão matando paulatinamente as pessoas e seus sonhos de viver. Essas pessoas, nesse cenário, com esses atores, em vários momentos se encontram no lugar da privação do direito de ter direitos.

O que se vivencia em Santa Cruz e outros bairros do entorno da maior siderúrgica da América Latina são políticas que geram situações em que é impossível desenvolver a vida. Os megaprojetos extrativistas, assim como o agronegócio e outros processos de apropriação capitalista dos recursos naturais, têm se amparado no poder e na capacidade de decidir quem pode viver e quem deve morrer<sup>3</sup>. O genocídio da juventude negra nas favelas cariocas explicita esse tipo de poder: são situações extremas de precariedade e de determinação de um “tipo de vida descartável”. Quando vivenciamos a situação de moradores,

desigualdad estructural establecida por ese modelo de desarrollo capitalista patriarcal y racista coloca la lucha por la sobrevivencia, la ruptura con el estado inerte de “aceptación” de lo que es puesto como usual, normal, cotidiano, en una grande acción de reexistencia.

El escenario construido por la Compañía Siderúrgica del Atlántico (CSA) – playground de riquezas transnacionales dominado ora por el capital alemán (Thyssenkrupp), ora por el italiano (Ternium), en asociación con la empresa Vale y el Estado brasileño - en el barrio de Santa Cruz es el de la necesidad permanente de acción y creación de estrategias para vivir. La producción del acero, sumada al total descaso y a la connivencia del Estado, hacen de este territorio más un “mundo de muertes”<sup>2</sup> – en este caso, una muerte lenta y dolorosa por el impacto de la contaminación ambiental, del polvo del acero que atinge a los ojos, los bronquios y los poros respiratorios de las plantas. Él destruye la agricultura como medio de sobrevivencia, los peces que no se multiplican como antes y extermina vidas animales y formas de vidas humanas. El no cumplimiento de leyes, la flexibilización de legislaciones, el compromiso del judiciario con la empresa – todo amparado en la falacia del discurso del desarrollo – están matando paulatinamente a las personas y sus sueños de vivir. Esas personas, en este contexto, con esos actores, muchas veces se encuentran en privación del derecho de tener derechos.

Lo que se vivencia en Santa Cruz y otros barrios en los alrededores de la mayor siderúrgica de América Latina son políticas que generan situaciones en las que es imposible desarrollar la vida. Los megaproyectos extractivos, así como el agronegocio y otros procesos de apropiación capitalista de los recursos naturales, se vienen amparando en el poder y en la capacidad de decidir quien puede vivir y quien no lo puede<sup>3</sup>. El genocidio de la juventud negra en las favelas cariocas explicita este tipo de poder: son situaciones extremas

*de precariedad y de determinación de un “tipo de vida desecharable”. Cuando vivenciamos la situación de moradores, moradoras, pescadores y pescadoras, vecinos de una compañía siderúrgica gigante, estamos hablando de este poder siendo vivenciado paulatinamente y de manera aún más invisibilizada. El proyecto de exterminio, sin embargo, es lo mismo. Los cuerpos nacientes y constructores de este territorio, que viven hoy en este escenario, comparten con nosotros un sueño que es solamente el de “vivir como antes”. Al fin y al cabo, ¿Que desarrollo es este de lo cual se habla? ¿Quien tiene la posibilidad de desarrollarse allí? ¿Qué es lo que se va a desarrollar?*

*La lucha en los Andes peruanos, en regiones cercanas a Machu Picchu y Cuzco – locales turísticos “vendidos” como riqueza de los saberes de los pueblos ancestrales incas, grita contra proyectos de minería: son los gritos de re-existencias que rompen con los silenciamentos que enferman. La extracción de mineral destruye lagunas sagradas, vales, se apropia del agua y causa miles de casos de cáncer en niños a partir del contacto del mercurio con la sangre. Allá, diversas comunidades tradicionales, involucradas en luchas permanentes por la garantía de sus condiciones de vida, vienen construyendo procesos evidentes – cuando posible – o silenciosos de critica desde los territorios, con los pies hincados en el suelo, a partir de las relaciones umbilicales con la tierra, como un cuerpo-naturaleza ampliado. En estos territorios, se gritan diversas indigencias, pero el grito con más eco y que apunta para la práctica subversiva es: “Agua sí, oro no”. Los gritos, venidos del alma, decían: “Escucha lo que hablamos. Nosotros vivimos aquí hace miles de años. El agua es parte de lo que somos. La necesitamos para existir, no del oro”.*

*Escuché de un autor colombiano<sup>4</sup> que la re-existencia son estrategias vivas para evidenciar y cuestionar contextos racistas, que generan exclusión y marginalización, buscando la redefinición y resignificación de la vida en condiciones de dignidad*

*moradoras, pescadoras e pescadores, vizinhos de uma companhia siderúrgica gigante como tal, estamos falando desse poder de morte sendo vivenciado paulatinamente e de forma ainda mais invisibilizada. O projeto de extermínio, no entanto, é o mesmo. Os corpos nascentes e construtores desse território, que vivem hoje esse cenário, compartilham conosco um sonho que é apenas este: o de “viver como antes”. Afinal, que desenvolvimento é esse de que ouvimos falar? Quem tem possibilidade de se desenvolver ali? Desenvolver o quê?*

A luta nos Andes Peruanos, em regiões próximas a Machu Picchu e Cuzco – locais altamente turísticos “vendidos” como riqueza dos saberes dos povos ancestrais incas – grita contra projetos de mineração: são os gritos de re-existências que rompem com silenciamentos adoecedores. A extração de minério destrói lagoas sagradas, vales, se apropria da água e causa milhares de casos de câncer em crianças a partir do contato do mercúrio com o sangue. Ali, diversas comunidades tradicionais, envolvidas em lutas permanentes pela garantia de suas condições de vida, vêm construindo processos evidentes – quando possível – ou silenciosos de crítica desde os territórios, com os pés fincados no chão, a partir de relações umbilicais com a terra, como um corpo-natureza ampliado. Nesses territórios, gritam-se diversas indigências, mas o grito com mais eco e que aponta para a prática subversiva é: “Agua sí, oro no”. Os gritos, vindos da alma, diziam: “Escutem o que falamos. Nós vivemos aqui há milhares de anos. A água faz parte do que somos. Precisamos dela para existir, não de ouro”.

Ouvi de um autor colombiano<sup>4</sup> algo que dizia que a re-existência são estratégias vivas para evidenciar e questionar contextos racistas, que geram exclusão e marginalização, buscando a redefinição e ressignificação da vida em condições de dignidade e autodeterminação. Os povos andinos estão ali construindo sua re-existência, todos os dias, incansavelmente.

Por aqui, na resistência à CSA e a tantas outras companhias siderúrgicas espalhadas pelo país<sup>5</sup> poderíamos gritar “Vidas sim, aço não”. Com certeza esses gritos ecoariam, trariam a força da re-existência e escutaríamos prioritariamente as vozes femininas.

Foi possível ouvir a forte vocalização feminina ao colocar o corpo pelas trilhas do Maciço da Pedra Branca e pelos cantos da Baía de Sepetiba<sup>6</sup>, pelos quilombos presentes na Zona Oeste da cidade, na proposta de entender as ameaças e construir resistência a partir dos olhares, dos cotidianos e das expressões trazidas desde as construções junto aos corpos das mulheres trabalhadoras da Zona Oeste<sup>7</sup>.

Aprendemos, a partir da escuta atenta, do trabalho coletivo, do sentir-pensar-fazer, da comida compartilhada, da luta, que estas mulheres subvertem a realidade para dar conta de todas as negações e violências vividas. São a maior potência que temos para re-existir e acreditar que é possível transformar a realidade. São essas mulheres que, mesmo vivendo à margem, fazem sua história, fazem sua ciência, fazem e constroem seus cotidianos. É a criação da vida nesses ambientes de morte cotidiana, onde o trabalho muitas vezes é sinônimo de escravidão corporal. A ação de espremer da realidade o sugo da vida e dos sonhos, que se juntam em corpos em luta, corpos em movimento, que inventam juntos métodos de andar, de reconhecer e se tornar corpo coletivo em luta. Que, juntos, exercitam um direito plural e performativo de ser visto e trazem as exigências de acesso a condições básicas de vida.

Esses corpos coletivos femininos trazem consigo a experiência inventiva como enfrentamento da materialidade dos conflitos. A experiência que transborda a razão – a razão junto à emoção, o coração, o potencial imaterial existente nas formas de viver. Dos quintais, das comunidades marisqueiras, dos quilombos urbanos e ampliados, dos corpos que se misturam entre si, que são terra, são Sol, e trazem suas ancestralidades vivas.

Estamos falando de um território degradado social

y autodeterminación. Los pueblos andinos están allá construyendo su re-existencia, todos los días, incansablemente.

Por acá, en la resistencia a la CSA y a tantas otras compañías siderúrgicas diseminadas por el país<sup>5</sup> podríamos gritar “Vidas si, acero no”. Seguro que esos gritos resonarían, traerían la fuerza de la re-existencia y escucharíamos prioritariamente a las voces femeninas.

Fue posible escuchar a la fuerte vocalización femenina al colocar el cuerpo por los senderos del Maciço da Pedra Branca y por los rincones de la Baía de Sepetiba<sup>6</sup>, por los quilombos<sup>8</sup> presentes en la zona oeste de la ciudad, con el propósito de entender las amenazas y construir resistencia a partir de las miradas, de los cotidianos y de las expresiones traídas desde las construcciones junto a los cuerpos de las mujeres trabajadoras de la zona oeste<sup>7</sup>.

Aprendimos, desde la escucha atenta, del trabajo colectivo, del sentir-pensar-hacer, de la comida compartida, de la lucha, que estas mujeres subvieren la realidad para dar cuenta de todas las negaciones y violencias vividas. Son la mayor potencia que tenemos para re-existir y creer que es posible transformar la realidad. Son esas mujeres que, mismo viviendo al margen, hacen su historia, hacen su ciencia, construyen sus cotidianos. Es la creación de vida en esos ambientes de muerte cotidiana, donde el trabajo es muchas veces sinónimo de esclavitud corporal. La acción de exprimir de la realidad el sumo de la vida y de los sueños, que se unen en cuerpos en lucha, cuerpos en movimiento, que inventan juntas formas de caminar, de reconocer y volverse cuerpo colectivo en lucha. Que, juntos, ejercitan un derecho plural y performativo de ser visto y traen las exigencias de acceso a condiciones básicas de vida.

Esos cuerpos colectivos femeninos traen consigo la experiencia inventiva como enfrentamiento a la materialidad de los conflictos. La experiencia que transborda la razón – y le junta a la emoción, al corazón, al potencial inmaterial existente en las formas de vivir. De los patios, de las comunidades

*marisqueras, de los quilombos urbanos y ampliados que se mezclan entre si, que son tierra, son sol, y traen sus ancestros vivos.*

*Estamos hablando de un territorio deteriorado social y humanitariamente por el discurso amparado en la construcción de “Dragones de Acero” como la CSA. De un territorio que es cuerpo-territorio, que es sangre-rio, piel-aire, manos-marisco, sonrisa-jugar, tristeza-lluvia-de-plata, desespero-inundación, desesperanza-derechos-negados.*

*Pero, delante de todas las perdidas y dolores, ¿Qué es lo que nos hace acompañar y luchar juntos permanentemente hace más de doce años en Santa Cruz, Sepetiba y todo el entorno de la Baía de Sepetiba – y seguir creyendo en la lucha?*

*Intuyo que la respuesta pasa por nuestra “fe” – algo realmente inmaterial, subjetivo y que tiene mirada, sonrisa, lloro y abrazo – en las historias de re-existencia de las personas y sus prácticas, en los rostros marcados por el dolor, en los lazos comunitarios construidos y en el amor involucrado en la relación con el territorio; en el afecto y en los sentidos que damos a la vida en contextos como ese.*

*De esas Vidas impactadas, que van pasando por el mundo y haciéndolo caminar, es que cosechamos la inspiración para nuestro hacer-sentir-pensar en la práctica cotidiana de transformar el instituído de manera tan dura. En el cotidiano de la vida común de las casas, de los cuerpos que transitán y performatizan individual y colectivamente a los márgenes del Rio del desarrollo, es donde vive efectivamente la resistencia – en el femenino como no podría dejar de serlo.*

e humanitariamente pelo discurso amparado na construção de “Dragões de Aço” como a CSA. Em um território que é corpo-território, que é sangue-rio, pele-ar, paladar-peixe, mãos-marisco, sorriso-brincar, tristeza-chuva-de-prata, desespero-alagamento, desesperança-direitos-negados.

Mas, diante de todas as perdas e dores, o que nos faz acompanhar e lutar juntos permanentemente há mais de doze anos em Santa Cruz, Sepetiba e todo o entorno da Baía de Sepetiba – e seguir acreditando nela?

Intuo que a resposta passa pela nossa “fé” – algo realmente imaterial, subjetivo e que tem olhar, sorriso, choro e abraço – nas histórias de re-existência das pessoas e suas práticas, nos rostos marcados de dor, nos laços comunitários construídos e no amor envolvido na relação com o território; no afeto e nos sentidos que damos para a vida em contextos como esse.

É dessas **Vidas Atingidas**, que vão passando pelo mundo e fazendo-o caminhar, que colhemos a inspiração para fazer-sentir-pensar em nossa prática cotidiana de transformar o duramente instituído. No cotidiano da vida comum das casas, dos corpos que transitam e performatizam individual e coletivamente, nas margens do Rio do desenvolvimento é onde mora efetivamente a resistência – no feminino como, não podia deixar de ser.

*Marina Praça*

Educadora Popular Latinoamericana  
Coordenação colegiada – Instituto PACS

*Educadora Popular Latinoamericana  
Coordinadora colegiada – Instituto PACS*





||||||| PERFIL

# Até onde a vista alcança é pouco: a história continuada de Dona Martha Trindade

Hasta donde la vista alcanza es poco:  
la historia continuada de  
Dueña Martha Trindade

Aline, Aliane, Thábata e Wanessa  
partilham sonhos e pelejas juvenis e  
mantém viva a memória de resistência  
de Santa Cruz // Aline, Aliane, Thábata  
y Wanessa comparten sueños y peleas  
juveniles y mantienen viva la memoria  
de la resistencia de Santa Cruz



Enquanto cresciam, as jovens  
viram mudar a paisagem:  
o ar ficou cinza e denso e o  
trânsito de ônibus, carros  
e vans na Reta João XXIII  
aumentou substancialmente.  
// Mientras crecían, las jóvenes  
vieron cambiar el paisaje: el  
aire quedó gris y denso y el  
tránsito de autobuses, coches y  
minibuses en la Reta Juan XXIII  
aumentó substancialmente.

Por lara Moura

**D**esde menina, Aliane queria pilotar avião caça. E não era coisa boba de sonho, não. Na escola, se esforçou nas matérias. Fez tudo nos conformes com foco em prestar a prova para ser aviadora. Quando veio se anunciando a aurora da juventude e já sabia muito além das quatro operações matemáticas básicas, descobriu que a miopia se interporia entre ela e o céu. Ali, começou a elaborar outras maneiras de cruzar o horizonte. Esses dias, vem se preparando com afinco para o exame de Engenharia Aeronáutica. Aline, a irmã mais velha de Aliane, lembra do coração bater mais forte quando cruzavam a linha estabelecida pela mãe como limite, montadas em suas bicicletas. Dali talvez Aline tenha apreendido a ir e voltar num movimento constante e ir aos poucos ampliando os limites. Hoje, divide-se entre Santa Cruz e Campos de Goytacazes, onde cursa Biologia.

Thábata, por sua vez, enveredou pelas artes. Desde os ensaios das coreografias das festas de debutantes das amigas da escola, da igreja e da vizinhança, o corpo mostrava a que veio. Começou a dar aulas de dança aos 14 anos e hoje, aos 24, faz faculdade na área. Já Wanessa, que quando criança amava brincar de carrinhos, vai enfrentando os perrengues do universo

**D**esde niña, Aliane quería pilotar avión de caza. Y no era tontería de sueño, no. En la escuela se esforzó en las asignaturas. Hizo todo bien con el objetivo de rendir el examen para ser aviadora. Cuando se anunció la aurora de la juventud y ya sabía mucho más que las cuatro operaciones básicas de la matemática, descubrió que la miopía se interpondría entre ella y el cielo. Empezó entonces a elaborar otras formas de cruzar el horizonte. En estos días viene preparándose con ahínco para el examen de Ingeniería Aeronáutica. Aline, la hermana mayor de Aliane, se acuerda del latir más fuerte del corazón cuando cruzaban la línea establecida por la madre como límite, montadas en sus bicicletas. Desde entonces, tal vez Aline haya aprendido a ir y volver en un movimiento constante y poco a poco ampliando los límites. Hoy, se divide entre Santa Cruz y Campos de Goytacazes, donde estudia Biología.

Thábata, por su vez, se encaminó hacia las artes. Desde los ensayos de las coreografías de las fiestas debutante de las amigas de la escuela, de la iglesia y de la vecindad, el cuerpo mostraba para lo que había venido. Empezó a dar clases a los 14 años y hoy, a los 24, hace facultad en esta área. Ya Wanessa, que cuando niña le gustaba jugar con los cochecitos, enfrenta el ambiente homogenizado de hombres en la facultad de Física. De la niñez aprendió que necesitaba estrategias y obstinación para hacer lo que le daba gana. Aunque la condición de niña le impidiese al libre acceso a este juego de "niños", no se conformó. Pasó a perturbar el juicio de su madre por el accesorio motorizado de la conocida muñeca lora y delgada con nombre extranjero. Las pegatinas de flor y corazón eran el salvoconducto para que pudiera conducir en alta velocidad, organizar carreras y jugar el "bate-bate".

Entre juegos en el campo de fútbol del San Fernando, hoy abandonado – lamentan al unísono -, clases de deportes en la Vila Olímpica, fiestas de cumpleaños, mundiales de futbol, fiestas juninas y rodas de capoeiras, Aline, Aliane, Thábata y Wanessa fueron encontrándose por las calles de Santa Cruz. Con el pasar del tiempo, el paisaje iba cambiando, dentro y fuera. Hoy, junto a otros

hegemonizado por homens da faculdade de Física. Da infância aprendera que precisava de estratégias e teimosias para fazer o que desse na telha. Ainda que a condição de menina a impedisse do livre acesso a essa brincadeira "de meninos", não se deixou vencer. Passou a perturbar o juízo da mãe pelo acessório motorizado da famosa boneca loira esguia com nome estrangeiro. Os adesivos de florzinhas e de coração eram o salvo-conduto para que pudesse dirigir em alta velocidade, armar corridas e brincar de bate-bate.

Entre brincadeiras no campo de futebol do São Fernando, hoje abandonado – lamentam em uníssono –, aulas de esportes na Vila Olímpica, festas de aniversários, copas do mundo, festas juninas e rodas de capoeira, Aline, Aliane, Thábata e Wanessa foram se encontrando pelas ruas de Santa Cruz. No correr do tempo, a paisagem ia mudando, dentro e fora. Hoje, junto de outros jovens moradores da região, se fazem coletivo em torno de um grupo que batizaram com a graça de Martha Trindade.

Alguns conheciam em vida Dona Martha. Outros só sabem dela pelas histórias dos mais velhos e pelas fotografias, nas quais permanece aberto o sorriso. Dona Martha era enfermeira, moradora de Santa Cruz, uma das primeiras a ousar pronunciar em voz alta seu desagrado com a chegada da ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA), atual Ternium Brasil, que lhe tirou o sossego e a saúde mas não o jeito tinhoso.

Em 2006, Ekkehard Schulz, presidente do conselho de administração do grupo ThyssenKrupp, alemão de nascença e crescença, cercou-se de autoridades públicas, engenheiros e empregados – todos nascidos e criados fora do bairro – na cerimônia de colocação da pedra fundamental da siderúrgica. A tal pedra foi colocada justinho onde viviam 75 famílias agricultoras. Onde todo mundo via cerca, mato

crescendo e vazio, houve quem enxergasse o aipim crescendo debaixo da terra, as bananas no rumo de cima e as casas para morar rodeando as plantações. Mas o que se passou foi mesmo uma pedra. Pelo barulho, deve ter sido das grandes.

As meninas não lembram disso porque, naqueles idos, tinham escola, lição, avó, mãe, bichos de estimação demais com que gastar tempo e juízo. Dona Martha, sim, se preocupou com o que se anunciava. Foi pioneira em reunir os vizinhos. Na laje de um, no quintal do outro, foram vendo que, afinal, a indignação não é coisa de se sentir sozinho. Martha Trindade, homenageada pelos jovens de Santa Cruz, morreu em 2013. A enfermeira, acostumada a lidar com todo tipo de moléstia, não era de saúde fraca, até sentir faltar força aos pulmões. A respiração foi pesando à medida que os fornos da fábrica funcionavam a todo vapor.

Nos caminhos, no rumo dos sonhos de Thábata (24), Wanessa (23), Aline (23) e Aliane (18), Santa Cruz foi e é lugar de retorno. O bairro segue as tendências das zonas metropolitanas e periferias de grandes cidades mundo afora: lugar de dormir e despertar. Disso reclamam as meninas: a dificuldade de se locomover, da “lonjura de tudo”. Estudar, trabalhar, divertir-se: é tudo pra longe. Do que são feitos os dias fora isso?

Paradoxalmente, é quando descem do trem na estação, vindo da Central, ou avistam a Chatuba lá do inicio da Reta [João XXIII], o coração alivia. Estão em casa, a salvo de assalto ou estupro. Podem respirar embora o ar pese. Em casa também há medo e aflição. Há violência, e o abuso sexual de crianças e adolescentes é naturalizado, contam. Ainda assim, quem vai contrariar o coração que descansa quando chega? As jovens mulheres assistem à persistência do velho mundo enquanto o outro porvir dormita no bairro.

As irmãs Aline e Aliane cresceram ali mais

jóvenes habitantes de la región, se ponen en colectivos en torno a un grupo que bautizaron con el nombre de Martha Trindade.

Algunos conocieron personalmente a Dueña Martha. Otros solo saben sobre ella por las historias de los mayores y por las fotografías, en las cuales sigue abierta la sonrisa. Dueña Martha era enfermera, habitante de Santa Cruz, una de las primeras a arriesgar pronunciar en voz alta su desagrado con la llegada de la ThyssenKrupp Compañía Siderurgica del Atlántico (TKCSA), hoy Ternium Brasil, que le quitó el sosiego y la salud, pero no su manera tiñosa.

En 2006, Ekkehard Schulz, presidente del consejo de administración del grupo ThyssenKrupp, alemán de nacimiento y crecimiento, se rodeó de autoridades públicas, ingenieros y empleados – todos nacidos y creados fuera del barrio – en la ceremonia de colocación de la piedra fundamental de la siderurgia. La dicha piedra fue puesta justo donde vivían 75 familias agricultoras. Allí donde todos veían cercado, césped creciendo y vacío, hubo quien viera la yuca creciendo bajo tierra, las bananas arriba y las casas para vivir rodeando las plantaciones. Pero lo que se pasó fue mismo una piedra. Por el ruido, debe haber sido una de las grandes.

Las chicas no se acuerdan de eso porque en aquella época, tenían escuela, tareas, abuela, madre, muchas mascotas para gastar el tiempo y el juicio. Dueña Marta, sí, se preocupó con lo que se anunciaba. Fue pionera en reunir a los vecinos. En la terraza de uno, en el patio del otro, se dieron cuenta de que al final, la indignación no es una cosa para sentir uno solo. Martha Trindade, homenajeada por los jóvenes de Santa Cruz, murrió en el 2013. La enfermera, acostumbrada a lidar con todo el tipo de molestia, no tenía la salud débil, hasta sentir faltar fuerza en los pulmones. La respiración fue pesando a la medida en que los hornos de la fábrica funcionaban a todo vapor.

En los caminos hacia los sueños de Thábata (24), Wanessa (23), Aline (23) y Aliane (18), Santa Cruz fue y es un lugar de retorno. El barrio sigue las tendencias de las zonas metropolitanas y periféricas de las grandes

*ciudades del mundo: lugar para dormir y despertar. Sobre eso, se quejan las chicas: la dificultad para desplazarse, de lo “lejos de todo”. Estudiar, trabajar, divertirse: es todo lejano. ¿De lo que son hechos los días además de eso?*

*Paradojalmente, es cuando bajan del tren en la estación, viiniendo desde la estación Central, o avistan la Chatuba en el principio de la Reta [Avenida João XXIII], el corazón se alivia. Están en casa, salvas del asalto y del estupro. Pueden respirar, aunque el aire pese. En casa también hay miedo y aflicción. Hay violencia, y el abuso sexual de niños y adolescentes es naturalizado, cuentan. Aun así, ¿quién va a contrariar el corazón que descansa cuando llega? Las jóvenes mujeres asisten la persistencia del viejo mundo mientras el otro porvenir se duerme en el barrio.*

*Las hermanas Aline y Aliane crecieron más cerca de la Recta. Cuando se sigue por la avenida llena de comercio y atasco, una pequeña carretera perpendicular lleva a la casa que comparten con padre, madre, gato, perro, pajaritos, patos, gallinas, arboles fructíferas, plantas de condimento y algún césped. Thábata pasa los días entre Santa Cruz y “la ciudad”, entre la vida de estudiante y el sitio de descanso en la casa con abuela y madre, en el conjunto San Fernando. Wanessa vive con la madre en una calle sin salida, también en San Fernando. Se mudó para allá a los siete años y tuvo que salir prematuramente cuando el agua invadió y llegó a la altura de las rodillas de los adultos. Entonces fue pasar una temporada en la casa de su madrina, pero luego volvió. Salió de nuevo para intentar la suerte en la residencia estudiantil de la universal en la que estudia, pero volvió nuevamente.*

*Thábata también vivió las inundaciones del Canal del San Fernando, ocasionadas por la obra de desvío del canal para la instalación de la TKCSA en 2006. La naturaleza cobró su precio en la temporada de lluvias de 2010. Wanessa se acuerda de meter con prisa a todos los libros de la escuela dentro de la mochila e ir para la casa de la abuela en Santa Margarida, en el barrio vecino a Campo Grande, también en la zona oeste de Rio de Janeiro. Ningún libro de ha mojado. La cama, el sofá y la máquina de lavar se han perdido.*

perto da Reta. Quando se segue na avenida movimentada de comércio e trânsito, uma estradinha perpendicular leva à casa que dividem com pai, mãe, gato, cachorro, passarinhos, patos, galinhas, árvores frutíferas, mudas de tempero e algum mato. Thábata passa os dias entre Santa Cruz e “a cidade”, entre a vida de estudante e o pouso de descanso na casa com avó e mãe, no Conjunto São Fernando. Wanessa mora com a mãe numa rua sem saída, também no São Fernando. Mudou-se para lá aos 7 anos e teve de sair prematuramente quando a água invadiu e chegou à altura do joelho dos adultos. Aí foi passar uma temporada na casa da madrinha, mas logo voltou. Só saiu de novo para tentar a sorte na residência estudantil da universidade em que estuda, mas voltou novamente.

Thábata também viveu as enchentes do Canal do São Fernando, ocasionadas pela obra de desvio do canal para instalação da TKCSA em 2006. A natureza cobrou seu preço na temporada de chuvas de 2010. Wanessa se lembra de enfiar às pressas todos os livros da escola dentro da mochila e ir para a casa da avó em Santa Margarida, no bairro vizinho de Campo Grande, também Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nenhum livro se molhou. A cama, o sofá e a máquina de lavar se perderam.

Como estão mais longe do canal, Aline e Aliane não sofreram com a enchente. Mas nem por isso ficaram imunes à chegada da empresa que viria a coroar a conformação do Distrito Industrial<sup>1</sup>. O pai, agricultor e pescador que costumava voltar para casa satisfeito de fartura, passou a chegar junto do cair do sol, de mãos abanando. Não é homem de praguejar; a idade lhe impôs uma pose de resignação, mas ressentiu-se e muito. E tagarelou para as filhas que o bate-estaca espantou os peixes sem respeitar a época da reprodução, os vivedouros ou coisa alguma. Todos os dias, quando embarcava, notava o limite

da área de proteção do mangue ser diminuído e o da cerca da obra ser alargado. Até não sobrar nada além de um mangue-memória.

O pai deu conta das formas diferentes que os frutos foram tomando, da cor queimada das folhas das árvores – muitas delas plantadas por ele e pela mãe. Nesse tempo, todas já sabiam bem a tabuada e viram o quanto o tempo das mães diminuiu à medida que a varreção da poeira do terraço se multiplicou exponencialmente. Já eram entendidas das coisas para segredar entre as conversas dos adultos as moléstias, os adoecimentos e as violências silenciadas porta dentro e porta fora da tal siderúrgica. A roupa no varal ficou cinza. A paisagem mudou dentro e fora.

No dia da inauguração da CSA, não havia nada novo no ar – pelo menos aparentemente, lembra Wanessa. O carro de som anunciando promoções passou. As explicadoras ensinaram as tabuadas e ditados. As vans cortaram a Reta na velocidade da luz enquanto o trocador gritava e os passageiros se apertavam. Os meninos correram atrás dos vira-latas descalços. As mães correram atrás, com os dedos em riste. Do lado de fora da portaria principal da siderúrgica, na Chatuba, poucos passantes além dos fardados empregados e dos fardados policiais espreitavam os barulhos e o burburinho. Dizem que Lula, então presidente, chegou de helicóptero para a cerimônia.

Da mesma forma, a venda da siderúrgica, que passou das mãos da alemã ThyssenKrupp para a ítalo-americana Ternium, em 2017, foi feita sem pompa, seguindo circunstâncias alheias ao conhecimento de Aline, Aliane, Thábata, Wanessa e grande parte dos jovens, velhos e crianças da região. Mudou a logomarca no outdoor. Os dizeres – “A gente acredita em indústria e comunidade crescendo juntas” – se mantiveram.

## A memória se sente

Da infância às vezes guardamos memórias

*Como están alejadas del canal, Aline y Aliane no sufrieron con la inundación. Pero no por eso se quedaron inmune a la llegada de la empresa que vendría a coronar la conformación del Distrito Industrial<sup>1</sup>. El padre, agricultor y pescador que acostumbraba a volver a casa satisfecho de la hartura, pasó a llegar junto al caer del sol, de manos vacías. No es un hombre de echar pestes; la edad le impuso una pose de resignación, pero se resintió y mucho. Y parloteó para las hijas que el ruido ahuyentó a los peces sin respetar la época de la reproducción, los vivideros ni cosa alguna. Todos los días, cuando embarcaba, notaba el límite del área de protección del mangue disminuirse y lo del cercado de la obra ser ampliado. Hasta no sobrar nada además de un mangue-memoria.*

*El padre se dio cuenta de las formas diferentes que los frutos fueran tomando, del color quemado de las hojas de los arboles – muchas plantadas por él y por la madre. En este tiempo, todas ya sabían bien la tabla y viran cuanto el tiempo de las madres disminuyó en la medida que el berrido del polvo de multiplicó exponencialmente. Ya entendían de las cosas para secretar entre las charlas de los adultos las molestias, las enfermedades y las violencias silenciadas puerta adentro y puerta afuera de la dicha siderúrgica. La ropa en el tendero se puso gris. El paisaje ha cambiado dentro y fuera.*

*En el día de la inauguración de la CSA, no había nada nuevo en el aire – por lo menos aparentemente, se acuerda Wanessa. El coche de sonido anunciando las promociones pasó. Las profesoras particulares enseñaban las tablas y los dictados. Las furgonetas cortaron la Recta en la velocidad de la luz mientras el cobrador chillaba y los pasajeros se apretaban. Los chicos corrieron descalzos hacia los perros vira-latas. Las madres corrieron detrás con el dedo en ristre. Afuera de la portería principal de la siderúrgica, en Chatuba, pocos transeúntes además de los empleados de uniforme y de los policías con farda acechaban los ruidos y el murmullo. Dicen que Lula, entonces el presidente, llegó en helicóptero para la ceremonia.*

*De la misma manera, la venta de la siderúrgica, que pasó de las manos de la alemana ThyssenKrupp para la ítaloamericana Ternium, en 2017, fue hecha sin pompas,*

*de acuerdo a circunstancias ajenas al conocimiento de Aline, Aliane, Thábata, Wanessa y gran parte de los jóvenes, viejos y niños de la región. Cambió el logotipo del outdoor. Las frases – “Nosotros creemos en la industria y comunidad creciendo juntas”- se mantuvieron.*

criadas. O pé de caqui miúdo nos parece enorme. A fera monstruosa no caminho da escola é o cachorro que nos espreita e ameaça do portão do vizinho. Não é que seja inverdade; a gente lembra como a gente sentiu. Há, afinal, diferença entre o sentido e o efetivamente vivenciado. Em que momento da vida esses verbos se separam dentro da gente?



*Junto aos demais integrantes do Coletivo Martha Trindade, as jovens produziram dados sobre a poluição atmosférica causada pela Companhia Siderúrgica do Atlântico. // Junto a los demás integrantes del Colectivo Martha Trindade, las jóvenes produjeron datos sobre la contaminación atmosférica causada por la Compañía Siderúrgica del Atlántico*

#### *La memoria si siente*

*De la niñez a veces guardamos memorias inventadas. El pie de caqui pequeño nos parece enorme. La fiera monstruosa en el camino de la escuela es el perro que nos acecha y amenaza desde el portón del vecino. No es que no sea verdad; nos recordamos como hemos sentido. Hay, al final, diferencia entre el sentido y el efectivamente vivenciado. ¿En qué momento de la vida esos verbos se separan dentro de nosotros?*

*En la memoria de las mujeres jóvenes, la lluvia de plata es un episodio que, de tan surreal, parece historia*

Na memória das jovens mulheres, a chuva de prata é um episódio que, de tão surreal, parece história de criança. Parecia glitter cor de prata. Se fosse carnaval, o pessoal ia sair fantasiado, achando que era festa. Mas era prata. Resíduo de prata. Poeira de prata descortinando o ar do Chatuba até o começo da Reta João XXIII e além. Alcançou os jornais. Elevou a cidade ao topo das emissões de poluentes. O resíduo do aço jorrava da chaminé como chuva – daí o apelido que nomeou o fenômeno. Enchia as ruas e as casas.

Enevoava a vista e cansava a respiração.

Desde a primeira ocorrência da chuva de prata, em 2010, o pó ainda cansa e invade as vidas, embora, passados oito anos, o fenômeno tenha sido “mitigado” pela siderúrgica, que anunciou a instalação de um filtro de última geração nos jornais e nas TVs. De fato, diminuiu o tamanho do particulado. Se não vemos, não existe?

Thábata atesta o contrário. É pior não enxergar a olho nu e seguir aspirando a poeira enquanto os dias passam e a respiração pesa. Lembra – dessas memórias de sentir – de ser assídua frequentadora do posto de saúde perto de casa, de onde era encaminhada, por falta de especialista, para o Hospital Pedro II, de onde voltava para casa com remédios na esperança de acalmar a tosse.

Das enchentes à chuva de prata, os percalços enfrentados por quem viveu e vive em Santa Cruz foram virando um não-assunto. Todo mundo vivia. Sabia. Sentia na pele. Mas quem ousava falar? Alguns preferiam interpor um filtro de indiferença à fina camada de poeira. Que se há de fazer?

Desde a primeira chuva – não aquela de banhar e brincar na rua –, Aline e Aliane passaram a ir, a reboque do pai e da mãe, para umas reuniões onde trocavam causos de como aquela siderúrgica viera a despeito da opinião e da querença de todos, se instalara e mudara para sempre a vida do lugar. Pra pior. Ficavam ali, ouvidos abertos, auscultando vizinhos e vizinhas conspirando estratégias para ir levando a vida que sozinha já não dava. A indignação coçava o corpo todo como formiga.

Numa dessas reuniões, conheceram jovens de Piquiá de Baixo, lá em cima no mapa do Brasil, no Maranhão. Jovens que, como elas, tiveram o campo, a escola, a casa, a vida atravessada pela cadeia produtiva da mineração. Já na juventude, nesses tempos em que a inquietude faz morada na gente, foram ver com os próprios olhos a situação de Piquiá e voltaram decididas a tomar uma providência e mostrar aos vizinhos descrentes que

de niños. Parecía glitter color plata. Si fuera carnaval, la gente iba a salir disfrazado, pensando que era fiesta. Pero era plata. Residuo de plata. Polvo de plata descortinando el aire de Chatuba hasta el principio de Recta João XXII y más allá. Alcanzó los periódicos. Elevó la ciudad al topo de las emisiones de contaminantes. El residuo de acero salía a los borbotones de la chimenea como lluvia – de allí la palabra que nombró el fenómeno. Llenaba a las calles y las casas. Nublaba la vista y cansaba la respiración.

Desde la primera ocurrencia de la lluvia de plata, en 2010, el polvo aún cansa e invade las vidas, aunque, pasados ocho años, el fenómeno haya sido “mitigado” por la siderúrgica, que anunció la instalación de un filtro de último modelo en los periódicos y en la tele. De hecho, disminuyó el tamaño de la partícula. ¿Si no vemos, no existe?

Thábata atesta el contrario. Es peor no ver a ojo desnudo y seguir aspirando al polvo mientras los días pasan y la respiración pesa. Se acuerda – de estas memorias de sentir – de ser asidua frequentadora del puesto de salud cerca de su casa, desde donde era encaminada, por falta de especialista, para el hospital Pedro II, y volvía para casa con medicinas con la esperanza de calmar la tos.

De las inundaciones a la lluvia de plata, las dificultades enfrentadas por quien vivió y vive en Santa Cruz se volvieron un no-asunto. Todos las vivían. Sabían. Sentían en la piel. ¿Pero a quién le osaba hablar? Algunos preferían interponer un filtro de indiferencia a la fina capa de polvo. ¿Qué se puede hacer?

Desde la primera lluvia – no aquella de bañar y jugar en la calle –, Aline y Aliane pasaron a ir, a remolque del padre y la madre, para unas reuniones donde intercambiaban causos sobre como aquella siderúrgica viniera a despecho de la opinión y voluntad de todos, se instalara y cambiara para siempre la vida del lugar. Para peor. Se quedaban allí, oídos abiertos, auscultando vecinos y vecinas conspirando estrategias para ir llevando la vida que sola ya no se podía más. La indignación rascaba el cuerpo todo como hormiga.

En una de estas reuniones, conocieron jóvenes de Piquiá de Baixo, allá arriba en el mapa de Brasil, en

*Maranhão. Jóvenes que, como ellas, tuvieron el campo, la escuela, la casa, la vida atravesada por la cadena productiva de la minería. Ya en la juventud, en estos tiempos en la que la inquietud hizo morada en la gente, fueron ver con sus propios ojos la situación de Piquiá y volvieron decididas a tomar una providencia y enseñar a los vecinos descreídos que no servía tapar el sol con el colador.*

*Hoy a las vueltas con la facultad, Thábata sumerge hondo en la idea de abrir la mirada sobre el mundo a su alrededor. ¿Y no es ese el oficio del artista? En su trabajo de conclusión de curso, a ser presentado en 2018 a una banca evaluadora, ella contrapone el mundo de las personas con deficiencia visual al de aquellas que, no teniendo ningún perjuicio en el sentido de la visión, no pueden ver más allá de lo que quieren. Tal cual Saramago en su Ensayo sobre la ceguera.*

*Siguiendo el paso de los que vinieron antes, las cuatro amigas, juntas de otros integrantes del Coletivo Martha Trindade, pasaron a colectar y analizar la calidad del aire de Santa Cruz. Hasta entonces, el único control de este índice era hecho por la propia empresa. No hubo sorpresa en relación a lo que fue descubierto: entre el sentido y el vivenciado no había ningún abismo.*

*Los datos divulgados por el grupo en 2017 sobre la contaminación del aire extrapolaban y mucho los niveles aceptos por la Organización Mundial de Salud. Se creó una hendidura en el silencio que pesa en la región sobre este tema. Ahora, esperan poder enseñar al mundo, en los límites de la línea férrea à Chatuba y más allá de ellos, lo que está allí delante de los ojos. Esperan con eso seguir conquistando horizontes menos rojos y densos para el barrio-casa donde se hicieron gente. De los que vinieron antes, cogieron el vicio de porfiar: vida no es cosa que para llevarse en la desilusión. Mientras Santa Cruz descansa el cuerpo del curro, Thábata, Aline, Aliane y Wanessa, junto a otros tantos, van despertando el mañana que tarda y pereza en algún lugar entre el viejo y el nuevo.*

não adianta tapar o sol com a peneira.

Hoje às voltas com a faculdade, Thábata mergulha fundo na ideia de abrir o olhar sobre o mundo à sua volta. E não é esse o ofício da artista? No trabalho de conclusão de curso, a ser apresentado em 2018 a uma banca avaliadora, ela contrapõe o mundo das pessoas com deficiência visual ao daquelas que, não tendo nenhum prejuízo ao sentido da visão, não conseguem ver além do que querem. Tal qual Saramago em seu Ensaio sobre a cegueira.

Seguindo o passo dos que vieram antes, as quatro amigas, junto de outros integrantes do Coletivo Martha Trindade, passaram a coletar e analisar a qualidade do ar de Santa Cruz. Até então, o único controle desse índice era feito pela própria empresa. Não houve surpresa quanto ao apurado: entre o sentido e o vivenciado não havia abismo algum.

Os dados divulgados pelo grupo em 2017 sobre a contaminação do ar extrapolavam e muito os níveis aceitos pela Organização Mundial de Saúde. Criou-se uma fenda no silêncio que pesa na região sobre esse assunto. Agora, esperam poder mostrar ao mundo, nos limites da linha férrea à Chatuba e além deles, o que está ali diante dos olhos. Esperam com isso seguir conquistando horizontes menos avermelhados e densos para o bairro-casa onde se fizeram gente. Dos que vieram antes, pegaram a mania de teimar: vida não é coisa que se leve na desilusão. Enquanto Santa Cruz descansa o corpo da labuta, Thábata, Aline, Aliane e Wanessa, junto de outros tantos, vão despertando o amanhã que tarda e preguiça em algum lugar entre o velho e o novo.



///// PERFIL

# As mulheres-vento da Baía de Sepetiba

Las mujeres-viento de la Bahía de Sepetiba



**C**asa é o que eu consegui construir de mim mesma. É uma resposta-decreto de Ana. Como uma carta compromisso consigo e com as outras. Diz dela, mas diz também de Elô e Camila, as três amigas companheiras reunidas pelo percurso da vida. Moldadas pelo vento da Baía de Sepetiba, forjaram-se mulheres e feministas, no plural. E, a exemplo do poder da palavra anunciada nos Itãs – as histórias negras vindas de África –, nunca mais disseram de si no singular. Só se pronunciam em coletivo. Coletiva, insistem.

Por Iara Moura

Oyá ou Iansã, com sua pele segredada de búfalo, é quem sopra os ventos que avivam o fogo, fazem dançar a copa das árvores, arrastam as plantas de raízes frágeis, movimentam as marés, e, por si, fazem o mundo girar. Movimento é verbo recorrente na conversa com elas, que se encontraram e se fizeram casa umas das outras já na vida adulta. Em busca de si mesmas, encontraram mais.

Camila, nascida e criada em Sepetiba, aprendeu de cedo a segredar as mensagens do vento e o que ele diz dos caminhos. Dali nunca arribou por muito tempo. Na casa onde passou parte da infância e da juventude e hoje vive com pai e mãe, nos recebeu. Sentadas em círculo, pés no chão de terra, em meio à gritaria dos meninos, fomos fazendo o mapa desse encontro.

Elô, Camila e Ana tiveram as vidas cruzadas nas andanças pela Baía de Sepetiba e arredores. Juntas, foram se fazendo feministas. //  
Elô, Camila y Ana tuvieron las vidas cruzadas en las andanzas por la Baía de Sepetiba y alrededores. Juntas, se fueron haciendo feministas.

O ponto de partida é a mãe. A de Camila é nordestina, veio para o Rio de Janeiro com 12 anos para, como a maioria das meninas migrantes, trabalhar em casa de família. Conheceu o pai, que é carioca, com uns 17. Com 18 veio o primeiro filho. Passaram parte da vida “lá pra baixo” – em referência à Zona Norte do Rio de Janeiro. Moraram no Jacarezinho, em São Cristóvão. Um dia o pai conheceu Sepetiba durante uma pescaria. Foi só o tempo de arrumar um canto e trazer a família. Apaixonou-se pelo lugar onde ainda hoje vive, contrariando o tempo que leva para chegar no trabalho e nos outros afazeres. Ainda hoje sai às 4 da manhã para pegar no serviço.

Ana veio de Valença, cidade na divisa Rio-Minas. Começou o percurso aqui neste mundo em 1977, no hospital geral da cidade, à época administrado pela Santa Casa de Misericórdia. Recorda indignada o fechamento do hospital pelos idos de 2012, marca de um processo longo de mau uso do dinheiro público e de disputas políticas de bastidores. E a população ouvindo promessas.

Elô veio mais de perto de Sepetiba. Anunciou-se ao mundo no Hospital Pedro II, na capital carioca, no bairro vizinho de Santa Cruz. A mãe, levada às pressas com as dores que anunciam o nascimento, contou que a menina Elô coroou mesmo foi no elevador, no caminho para a sala de parto. Em companhia da mãe, viveu entre Sepetiba, Santa Cruz e Campo Grande boa parte da vida.

Enquanto isso, Ana andava por Valença. A jovem Ana do interior, diz ela de si, saiu da casa dos pais em 1995, quando foi cursar faculdade em Juiz de Fora. Em 2001, veio o mestrado no Rio. Por conta do trabalho e da criação de seu filho – que morou a primeira infância junto dela e dos avós e hoje tem 21 anos –, Ana se dividia entre os estados fluminense e mineiro. Em 2011, de volta à capital carioca no fim do doutorado, passou a

*Casa es lo que conseguí construir de mi misma. Es una respuesta-decreto de Ana. Como una carta compromiso consigo y con las otras. Dice sobre ella, pero dice también de Elô y Camila, las tres amigas compañeras reunidas por la trayectoria de la vida. Moldeadas por el viento de la Bahía de Sepetiba, se hicieron mujeres y feministas, en el plural. Y, a ejemplo del poder de la palabra anunciada en los Itás – las historias negras venidas de África –, nunca más hablaron de sí mismas en el singular. Solo se pronuncian en colectivo. Colectiva, insisten.*

*Oyá o Iansã, con su piel disfrazada de búfalo, es quien sopla los vientos que avivan el fuego, que hacen bailar las copas de los árboles, que arrastran las plantas de raíces frágiles, que mueven las mareas, y, por si, que hacen el mundo girar. Movimiento es verbo recurrente en la conversación con ellas, que se encontraron y se hicieron casa unas de las otras ya en la vida adulta. En la búsqueda de sí mismas, encontraron más.*

*Camila, nacida y creada en Sepetiba, aprendió temprano a guardar en secreto los mensajes del viento y lo que él dice de los caminos. No salió de allí por mucho tiempo. En la casa donde pasó parte de la niñez, de la juventud y hoy vive con el padre y la madre, nos recibió. Sentadas en círculo, pies en el piso de tierra, en medio de los gritos de los chicos, hicimos el mapa de este encuentro.*

*El punto de partida es la madre. La de Camila es de la región nordeste de Brasil, vino para el Rio de Janeiro a los 12 años para, como la mayoría de las chicas migrantes, trabajar como doméstica en una casa de familia. Conoció al padre, que es carioca, a los 17 años. A los 18, llegó el primer hijo. Pasaron parte de la vida “allá abajo” – referencia a la zona norte de Rio de Janeiro. Vivieron en Jacarezinho, en São Cristóvão. Un día el padre conoció Sepetiba mientras pescaba. Fue solo el tiempo de arreglar un rincón y traer a la familia. Se enamoró del sitio donde vive hasta hoy, en contra del tiempo que lleva para llegar al trabajo y a las demás tareas. Aun hoy sale a las 4 de la mañana para el trabajo.*

*Ana vino de Valença, ciudad en la divisa de las provincias de Rio de Janeiro-Minas Gerais. Empezó el recorrido acá en este mundo en el 1977, en el hospital*

*general de la ciudad, a la época administrado por la Santa Casa de la Misericordia. Se acuerda indignada del cierre del hospital en el 2012, marco del mal uso del dinero público y de las disputas políticas entre bastidores. Y la población oyendo promesas.*

*Elô vino de más cerca de Sepetiba. Se anunció al mundo en el Hospital Pedro II, en la capital carioca, en el barrio de Santa Cruz, vecino al de Sepetiba. La madre, llevada de prisa con dolores que anuncianaban el nacimiento, contó que la chica Elô enseño la coronilla en el ascensor*

lecionar num centro universitário da Zona Oeste. Lembra dos alunos do curso de Engenharia com corpo e cabeça estafados do trabalho. Eram a mão de obra do polo industrial de Santa Cruz e região. Na classe, ouvia as histórias comuns de quem se desdobrava em jornadas de horas incontáveis. Quando sentia falta de alguns, já sabia o motivo: era o toque de recolher dado na vizinhança pela polícia, pelo tráfico, pela milícia, pelo patrão. Ouvindo os alunos, percorria regiões em que não



*Junto de outras mulheres, Camila, Elô e Ana pisaram o chão dos arredores da Baía de Sepetiba e foram desenhando outros mapas possíveis. // Junto a otras mujeres, Camila, Elô y Ana pisaron el suelo de los alrededores de la Bahía de Sepetiba y dibujaron otros mapas posibles.*

*mismo, de camino a la sala de parto. En compañía de su madre, vivió en Sepetiba, Santa Cruz y Campo Grande gran parte de su vida.*

*Mientras tanto, Ana andaba por Valença. La joven Ana del pueblo, dice ella de sí misma, salió de la casa de los padres en el 1995, cuando fue a la facultad en la ciudad de Juiz de Fora. En el 2001, vino la maestría en Rio. Por el trabajo y por la crianza de su hijo – que vivió la primera niñez junto a ella y a los abuelos y hoy tiene 21 años –, Ana se dividía entre las provincias de Rio de Janeiro y de*

tinha chegado a pisar: Costa Verde, Mangaratiba, Baixada Fluminense e outras muitas.

Nessa época, Elô andava de casa em casa pelas ruas de Santa Cruz, desafiando o sol, vendendo calcinha, sutiã, camisola. Começou aos 13. Aprendera o valor do trabalho com a mãe, que fazia de um tudo para garantir a subsistência da família. O trabalho das mulheres pretas na casa, na rua, formal, informal ou de cuidado é comumente tratado como invisível ou diminuído em



No entorno da Baía de Sepetiba, mulheres agricultoras e marisqueiras dividem espaço com portos e indústrias pesadas. // En el entorno de la Bahía de Sepetiba, mujeres agricultoras y marisqueras dividen espacio con puertos e industrias pesadas.

importância. Paga-se menos. Paga-se nada. Para Elô, apresentar-se como mulher trabalhadora é um manifesto urgente e definitivo: mulher preta trabalhadora.

Uma época, então com 22 anos, foi viver na Praça Seca e se dividia entre os estudos, um emprego como recepcionista em um restaurante e a participação numa feira de artesãos nas noites de quarta-feira. Aos 25, tornou-se mãe. Atualmente mora em Santa Cruz, em sua casateliê, como ela define, e está terminando a graduação. Herdou da mãe o gosto pela agitação do mundo, pelo trabalho e a valentia. O corpo negro que a forjou teve muito o que endurecer para se resguardar-se dos assédios e das violências que pesam sobre os ombros. Não era de abaixar a cabeça. Elô também não desvia o olhar

Minas Gerais. En el 2011, de vuelta a la capital carioca después de haber concluido el doctorado, pasó a enseñar en un centro universitario en la zona oeste de la ciudad. Se acuerda de los alumnos del curso de Ingeniería con el cuerpo y la cabeza agotados del trabajo. Eran la mano de obra del polo industrial de Santa Cruz y alrededores. En la clase, escuchaba las historias en común de quien se esforzaba en jornadas de horas incontables. Cuando sentía falta de algunos, ya sabía la razón: el toque de queda dado en la vecindad por la policía, por el tráfico, por los paramilitares, por el jefe. Oyendo a los alumnos, recogía regiones en las que no había llegado a pisar: Costa Verde, Mangaratiba, Baixada Fluminense y muchas otras.

En esta época, Elô andaba de casa en casa por las calles de Santa Cruz, desafiando el sol, vendiendo bragas,



*sujetadores, camisones. Empezó a los 13. Aprendiera el valor del trabajo con la madre, que hacía todo para garantizar la subsistencia de la familia. El trabajo de las mujeres negras en casa, en la calle, formal o informal, o de cuidado, es comúnmente tratado como invisible o tiene disminuida su importancia. Se paga menos. Para Elô, presentarse como una mujer trabajadora es un manifiesto urgente y definitivo: mujer negra trabajadora.*

*Por un periodo, entonces con 22 años, se fue a vivir en Praça Seca y se dividía entre los estudios, un empleo como recepcionista en un restaurante y la participación en un mercado de artesanos en las noches de miércoles. A los 25 años, se volvió madre. Actualmente vive en Santa Cruz, en su casa-taller, como ella la define y está terminando el curso universitario. Heredó de la madre el gusto por la*

enquanto diz do que lhe fervilha o pensamento e faz morada no corpo. É precisa no que declara porque sabe que a palavra é manifesto que a um só tempo tem poder de amordaçar ou libertar. Em tom de voz baixo, vai moldando cada ideia como fosse escultora.

### **Alguns encontros são como uma viagem**

Um dia, enquanto dava aula, Ana ouvia um jovem aluno contando a história de uma ocupação, liderada por uma mulher, uma mulher negra, ali mesmo em Campo Grande onde lecionava. Chegaram, armaram as lonas, rezaram as noites em claro para proteger o acampamento de incursões da polícia ou de quaisquer um que viessem reivindicar a posse dos lotes. E tem dono terra vazia? No Brasil tem. A história assentou

morada na cabeça de Ana. Quase quatro anos depois, em 2015, numa reunião do Comitê Popular de Mulheres da Zona Oeste (hoje Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste), encontrou-se com algumas protagonistas da história que ouvira uns anos antes.

Nessa época, Camila andava quase por se formar em Geografia. Pra ir à aula, tinha que pegar ônibus até Santa Cruz, outro até Coelho Neto e depois o metrô. Pra voltar, o caminho era ainda mais longo e podia incluir uma van se passasse do horário do último coletivo. Uma greve de trem a convenceu a deixar Sepetiba pra mais perto de onde estudava, mudou-se pro Maracanã. Um dia, recebeu o chamado de volta do seu lugar. A areia que a gente leva nos ouvidos quando sai do mar demora a ir embora. Era um e-mail convite para um trabalho envolvendo mulheres e a história da Zona Oeste.

Os caminhos das três se cruzaram enquanto caminhavam. Desde aquela reunião contada por Ana, nascera a ideia de um percurso de investigação e militância que redescobrisse os caminhos pisados pelas mulheres da Zona Oeste do Rio em suas formas quase místicas – resilientes e duradouras – de levar a vida adiante a despeito de todas as negações. O mesmo chamado alcançou Camila e Elô e tantas outras, por outros diversos caminhos. Entre 2015 e 2018, compuseram um grupo de mulheres que percorreram seus próprios territórios a fofocar com vizinhas, a conhecer quintais, a navegar pela Baía, a caminhar pelos rios e nascentes hoje secos, a acudir às precisadas com mutirões<sup>1</sup>, medicinas de curandeira, a cozinar juntas, a plantar e a partilhar memórias e anúncios de futuro.

Neste rumo, conheceram Kika e outras marisqueiras da Baía de Sepetiba. Ouviram suas histórias de agricultoras do mar. Espiaram

*movida del mundo, por el trabajo y la valentía. El cuerpo negro que la forjó tuvo mucho lo que endurecer para ser resguardar de los asedios y las violencias que pesan sobre sus hombros. No era de bajar la cabeza. Elô tampoco desvía la mirada mientras habla sobre lo que agita su pensamiento y hace morada en su cuerpo. Es precisa en lo que dice porque sabe que la palabra es manifiesto que al mismo tiempo tiene el poder de amordazar o libertar. Con el tono bajo de la voz, va moldeando cada idea como si fuera una escultora.*

#### *Algunos encuentros son como un viaje*

*Un día, mientras impartía clase, Ana oía un joven alumno contando la historia de una ocupación, liderada por una mujer, una mujer negra, allí mismo en Campo Grande, donde enseñaba. Llegaron, armaron las lonas, rezearon las noches a claras para proteger al campamento de incursiones de la policía o de cualquier uno que viniese reclamar la pose de los lotes. ¿Y tierra vacía tiene dueño? En Brasil sí. La historia asentó morada en la cabeza de Ana. Casi cuatro años después, en el 2015, en una reunión del Comité Popular de las Mujeres de la Zona Oeste (hoy Colectiva Popular de Mujeres de la Zona Oeste), se encontró con algunas protagonistas de la historia que escuchara unos años antes.*

*A esta altura, Camila caminaba casi por recibirse Geografa. Antes para ir a la clase, tenía que coger el autobús hasta Santa Cruz, otro hasta Coelho Neto y después el metro. Para volver, el camino era aún más largo y podía incluir una furgoneta (transporte informal) si pasase de la hora del último bus. Una huelga de tren la convenció a dejar Sepetiba para estar más cerca de donde estudiaba. Un día, recibió el llamado de vuelta a su lugar. La arena que llevamos en el oído tarda en irse. Era un correo invitación para un trabajo que involucraba mujeres y historias de la zona oeste.*

*Los caminos de las tres se cruzaron mientras caminaban. Desde aquella reunión contada por Ana, nació la idea de una trayectoria de investigación y militancia que redescubriese los caminos pisados por las mujeres de la zona oeste de Rio en sus formas casi místicas – resistentes y duraderas – de llevar*

*la vida adelante a pesar de todas las negaciones. El mismo llamado alcanzó Camila y Elô y tantas otras mujeres que recorrieron sus propios territorios a cotillear con vecinas, a conocer patios, a navegar por la Bahía, a caminar por los ríos y nacientes hoy secas, a acudir las necesitadas con mutirões<sup>1</sup>, medicinas de las curanderas, a cocinar juntas, a plantar y a compartir memorias y anuncios de futuro.*

*En este proceso, conocieron a Kika y otras marisqueiras de la Bahía de Sepetiba. Escucharon sus historias de agricultoras del mar. Espiaron la forma como, en el medio del terreno arenoso y rompiendo el paisaje de basurero, cultivan mudas de hortalizas, condimentos y hierbas de infusión. Viran la limpieza del marisco y las formas de hacer la cosecha. Hicieron secretos los caminos de la vida que mucho se parecen a sus propios. Mientras pisaban en los territorios, iban escribiendo nuevos recorridos en el mapa que, por fin, entendieron ser infinitos. Como los acantilados, los territorios y las historias tienen la forma transformada cada vez que el viento sopla.*

*Dibujaron, entonces, un mapa sin los límites formales bien conocidos por Camila en el oficio de geógrafa. Una cartografía que da cuenta de las violencias, de las peleas, de las bellezas y de la vida de las mujeres de la zona oeste de la ciudad. Historias que hablan de la negritude y de las resistencias al racismo y a los vientos del tal desarrollo, en nombre de que todo se consume. Dentro de si también dibujaron un mapa: una carta náutica con indicaciones de caminos que vienen desde lejos y que, por la bendición de las diosas, se cruzan cuando tiene que ser.*

*¿Y no es así la vida de las mujeres? ¿Cómo los vientos que avivan el fuego, hacen bailar la copa de los árboles, arrastran las raíces frágiles, mueven las mareas y hacen girar el mundo? Para Elô, Ana y Camila – mujeres-vento –, la historia del mundo todo es la historia de las mujeres negras, periféricas, anónimas. Y a ellas cabe también el poder de cambiar el rumbo de las cosas, como el viento hace al barco a vela y como ellas hacen cotidianamente junto con tantas otras, que se extienden mundo afuera.*

a forma como, no meio do terreno arenoso e quebrando a paisagem de lixão, fazem vingar mudas de hortaliças, temperos e ervas de chá. Viram a limpeza do marisco e as formas de fazer o apanhado. Segredaram caminhos de vida que muito se assemelhavam aos seus próprios. Enquanto pisavam nos territórios, iam inscrevendo novos percursos no mapa que, por fim, entenderam ser infinito. Como as falésias, os territórios e as histórias têm a forma transformada cada vez que o vento sopra.

Desenharam, então, um mapa sem os limites formais bem conhecidos por Camila no ofício de geógrafa. Uma cartografia que dá conta das violências, das pelejas, das belezas e da vida das mulheres na Zona Oeste da cidade. Histórias que falam da negritude e das resistências ao racismo e aos ventos do tal desenvolvimento, em nome do qual tudo se consome. Dentro de si também desenharam um mapa: uma carta náutica com indicações de caminhos que vêm de longe e que, e pela bênção das deusas, se cruzam quando tem de ser.

E assim não é a vida das mulheres? Como os ventos que avivam o fogo, fazem dançar a copa das árvores, arrastam as plantas de raízes frágeis, movimentam as marés e fazem o mundo girar? Para Elô, Ana e Camila – mulheres-vento –, a história do mundo todo é a história das mulheres negras, periféricas, anônimas. E a elas cabe também o poder de mudar os rumos das coisas, como o vento faz ao barco à vela e como elas fazem cotidianamente junto de outras tantas, espalhadas mundo afora.







Ozeas, Hermógenes, Lindinalva  
e Jaci exibem rede que usam  
quando não estão impedidos de  
pescar pela ação das empresas de  
Santa Cruz. // Ozeas, Hermógenes,  
Lindinalva y Jaci exhiben la red que  
usan cuando no están impedidos  
de pescar por la acción de las  
empresas de Santa Cruz.

||||||| PERFIL

# A vida voltada para as águas

La vida volcada  
hacia las aguas

Por Janaína Pinto

**U**m sábado o menino Ozeas foi à praia em Sepetiba com os pais, como era costume familiar aos finais de semana. Banhou-se no sol quente do Atlântico com os pés na areia e os olhos colados no mar. O horizonte era desenhado por homens de pele negra e mãos firmes e pela maneira como eles lançavam tarrafas sobre a água de dentro de pequenas embarcações. Movimentos largos e constantes.

Talvez tenha sido o brilho do dia refletido no nylon molhado das redes. Talvez, a coreografia executada por vários corpos, cada um a seu tempo e do seu modo. Fato é que, naquele dia, o moleque branco de onze anos, filho de donos de terra de Campos de Goytacazes, e conhecedor dos segredos da plantação, quis também ser um aprendiz de pescador.

O tempo passou bastante, e ele só começou as andanças pelo mar quando adulto. A primeira vez foi com os primos no Rio da Guarda – um dos aquíferos da bacia hidrográfica do Rio Guandu, que banha o extremo oeste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, assim como os municípios de Seropédica e Itaguaí. Um barco e redes emprestadas fizeram o serviço. Eles foram pela manhã e mataram uma porção de peixes. “Era cada cardume de pescadinha branca que passava pela gente!”, lembra Ozeas Quintanilha, hoje aos 87 anos.

O encanto cresceu com o alto-mar. “Só que tem que”, na hora de voltar, eles saíram do rio muito longe de onde entraram, e precisaram empurrar o

*Un sábado, el chico Ozeas fue a la playa en Sepetiba con los padres, como era el hábito familiar a los finales de semana. Se bañó bajo el sol caliente del Atlántico con los pies en la arena y con los ojos pegados en el mar. El horizonte era dibujado por hombres de piel negra y manos firmes y por la manera como lanzaban la red de pesca sobre el agua desde pequeñas embarcaciones. Movimientos anchos y constantes.*

*Quizás haya sido el brillo del día reflejado en el nylon mojado de las redes. Tal vez la coreografía ejecutada por varios cuerpos, cada uno a su tiempo y a su modo. Hecho es que, aquel día, el niño blanco de 11 años, hijo de dueños de tierra de Campos dos Goytacazes y conocedor de los secretos de la plantación, quiso también ser un aprendiz de pescador.*

*El tiempo pasó bastante, y él sólo empezó sus andanzas por el mar cuando adulto. La primera vez fue con los primos en el Rio da Guarda – uno de los acuíferos de la bacía hidrográfica del Rio Guandu, que baña el extremo oeste de la región metropolitana de Rio de Janeiro y los municipios de Seropédica y Itaguaí. Un barco y redes prestadas hicieron el servicio. Fueron por la mañana y mataron un montón de peces.*

*– ¡Era cada banco de pescadilla blanca que pasaba por nosotros! – se acuerda Ozeas Quintanilla, hoy a los 87 años.*

*El encanto creció con la alta mar. “Pero pasó que...”, a la hora de volver, ellos salieron del río muy lejos de donde entraron, y necesitaron empujar el barco hasta donde tenían el coche. Fue cuando se dio cuenta que, hasta ponerse fácil, pescar aun sería muy difícil. La actividad exigía fuerza y destreza. Serían necesarios muchos años y*

barco até onde o carro estava estacionado. Foi quando ele percebeu que, até ficar fácil, pescar ainda seria bastante difícil. A atividade exigia força e destreza. Seriam necessários muitos anos e prática. A chegada em casa aconteceu já ia alta a noite. Ozeas estava cheio de cansaço, mas determinado a arrumar um barco próprio e seguir tentando.

Com o avanço dos anos, ele pegou o jeito não apenas da pescaria, mas também da manutenção de embarcações e ferramentas. Afinal, tornou-se armador de pesca – pessoa com barco próprio que o prepara para a pescaria e aluga ao público. O seu Ozeas é morador de Santa Cruz desde a adolescência. A família se mudou para o bairro e continuou a trabalhar com a agricultura, e ele se aproximou cada vez mais da vida voltada para as águas.

O senhor esguio de sobrancelhas bem cheias e totalmente brancas é uma figura histórica na luta ambiental e popular de Santa Cruz contra os prejuízos causados pela antiga ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico – atual Ternium Brasil S.A. – à pesca artesanal. No quintal dele, fica um barco. Na varanda, sempre tem uma tarrafa pendurada no armador da rede de dormir. Nos últimos anos, ele não vai mais para o rio, mas passa horas por vez fiando tarrafas.

No que diz respeito à disposição para estar sempre na ativa, assim como ele, é o Jaci. “Esse homem eu conheci lutando”, partilha Ozeas, “de lá para cá, tem mais ou menos doze anos. Ele é um esforçado pela

população, está sempre em movimento, conversando com as pessoas, e é como se fosse um familiar para mim”.

Jaci do Nascimento, 64 anos, pesca desde os oito e mora em Santa Cruz desde os 19. Sempre na bicicleta, ele conhece muita gente. Deixa o barco na beira do canal do São Francisco, onde também cultiva uma plantação de hortaliças e leguminosas com dois amigos. Na frente de casa, no conjunto habitacional Novo Mundo, é onde guarda outras ferramentas pesqueiras, como tarrafas, linhas, anzóis, isopores.

Se ele não está pescando, está fazendo serviços

práctica. La llegada a casa fue ya tarde de la noche. Ozeas estaba muy cansado, pero decidido a conseguir un barco propio y seguir intentando.

Con el avance de los años, pegó bien no solo la pescaría, pero también la manutención de embarcaciones y herramientas. Al final, se volvió armador de pesca – persona con barco propio que lo prepara para la pescaría y lo alquila al público. El señor Ozeas es morador de Santa Cruz desde la adolescencia. La familia se mudó para el barrio y siguió trabajando con la agricultura, y el se acercó cada vez más a la vida volcada a las aguas.

El señor delgado de cejas muy llenas y totalmente blancas es un personaje histórico en la lucha ambiental y popular de Santa Cruz en contra los perjuicios causados



para fora, ou consertando algo dentro de casa ou no barco, ou então está na pequena plantação, que, a cada ano, enche de mais verde o pedaço de chão perto de onde o barco dele fica estacionado.

Jaci conta que sempre gostou de movimento. Quando criança, morava com os pais, na estrada da Água Branca, em Bangu, mas passava longas temporadas na casa dos tios, na Penha. Foi com os

por la antigua ThyssenKrupp Compañía Siderúrgica del Atlántico – actual Ternium Brasil S.A. – a la pesca artesanal. En su patio, hay un barco. En el balcón, siempre una red de pesca colgada en el armador de la hamaca. En los últimos años, no va más para el río, pero pasa horas por vez hilando redes de pesca.

Jaci es como él con respeto a la disposición para la lucha.

- A ese hombre yo le conocí luchando – comparte

*Ozeas. – Desde entonces, hace más o menos doce años. Se esfuerza por la población, esta siempre en movimiento hablando a la gente. Para mí, es como si fuera un parente.*

*Jaci do Nascimento, 64 años, pesca desde los 8 y vive en Santa Cruz desde los 19. Siempre en la bicicleta, conoce a mucha gente. Deja el barco en la orilla del canal de São Francisco, donde también cultiva una plantación de hortalizas y leguminosas con dos amigos. Delante su casa, en la urbanización Novo Mundo, es donde guarda otras herramientas pesqueras, como redes, líneas, anzuelos, térmicos.*

*Si no está pescando, está haciendo servicios para fuera, arreglando algo en la casa o en el barco, o aun en la pequeña plantación, que cada año se llena de más verde*

primos mais velhos que aprendeu a pescar. Iam juntos ali perto, para a Praia de Ramos, mas também para as águas da Ilha do Fundão, na Ilha do Governador.

A meninada pescava siri no mangue com rede de arrastão. Já levava para a pescaria as cordas, onde depois pendurariam os bichos e ofereceriam para as pessoas que passavam dentro dos carros, na beira da estrada perto do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. À medida que as vendas foram acontecendo, os três primos economizaram para comprar um caíque – pequena embarcação para curtas distâncias – e passaram à pescaria de



*Mesmo quando não vão à lida, os pescadores mantém a rede, o barco e a tarrafa a postos como quem acredita que o dia da bonança há de voltar. // Hasta cuando no van al trabajo, los pescadores mantienen la red, el barco y la tarrafapreparados como quien cree que el día de la bonanza tiene que volver.*

*en la parte del suelo cerca de donde el barco se queda aparcado.*

*Jaci cuenta que siempre le gustó el movimiento. Cuando niño, vivía con los padres en la Estrada da Água Branca, en Bangu, pero pasaba largas temporadas en la casa de los tíos, en Penha. Fue con los primos mayores que aprendió a pescar. Iban juntos allí cerca, a la playa de Ramos, pero también para las aguas de la Isla del Fundão, en la Isla del Governador.*

peixes também.

“A gente colocava duas, três caixas no barco e forrava tudo com jornal. A gente voltava cheio de peixe. Na hora de vender, não tinha balança, era no olho. E, como a gente pescava tudo junto, o dinheiro que apurava dividia entre os três”, lembra o homem magro, de estatura mediana, pele bastante curtida do sol, cabelos grisalhos e ralos, olhos azuis.

Quando ele se mudou para Santa Cruz, passou um tempo trabalhando em açougue, mas logo conheceu quem pescasse nas redondezas e voltou ao antigo ofício de menino, que, além de renda, sempre lhe trouxe muito prazer e “tranquilidade na rotina agitada, cheia de barulho”.

Estamos no alpendre da casa de outros dois pescadores: dona Lindinalva e seu Hermógenes. Eles moram numa construção de dois andares próxima à casa de Jaci, também em conjunto habitacional. É uma tarde ensolarada e fria de quinta-feira. Nós começamos as conversas que levaram a este texto com uma proposta lúdica.

“Se a pessoa ao seu lado fosse um peixe, qual seria?”, pergunta Ana Marcela, psicóloga e consultora do instituto Pacs sentada à roda. Os pescadores e a pescadora param um pouco para pensar, mas logo atalham. “O Jaci é uma tainha: é criada por aqui, mas logo mais vai até a Patagônia e volta”, diz o seu Ozeas. Já o Jaci pensou que a Lindinalva era como uma Piraúna: é um peixe “muito gostoso e raro”. Ela, por sua vez, disse que Hermógenes seria um robalo, “porque o robalo é um peixe muito especial”.

A baiana Lindinalva Maria dos Santos, 63 anos, veio procurar meio de vida em Santa Cruz, em 2006, já aposentada como pescadora. Junto com ela, veio o esposo, Hermógenes José do Nascimento, 49 anos. Na nossa roda, quando chegou a vez do marido de Lindinalva comparar alguém a um peixe, ele comparou o seu Ozeas a um robalo também. Não foi por falta de criatividade.

O Robalo é um peixe muito falado entre os pescadores de Santa Cruz, por ser bastante vendável a peixarias e por ainda ser espécie encontrada no mar próximo ao canal do São Francisco, apesar da poluição ter comprometido a biodiversidade local.

A pesca em Santa Cruz há muitos anos sofre com os passivos ambientais das indústrias instaladas no

*La muchachada pescaba cangrejo en el mangle con red de arrastrar. Ya llevaba para la pesca las cuerdas, en las que después colgarían los bichos y ofrecerían a las personas que pasaban dentro de los coches, en la orilla de la carretera cerca del Hospital Universitario Clementino Fraga Filho.*

*En la medida que las ventas fueron ocurriendo, los tres primos ahorraron para comprar un kayak – pequeña embarcación para cortas distancias – y pasaron también a la pesca de peces.*

*- Nosotros colocábamos dos, tres cajas en el barco y forrábamos todo con periódicos. Volvíamos llenos de pescados. A la hora de vender, no había báscula, era de mirada. Y, como nosotros pescábamos juntos, el dinero que ganábamos, dividíamos entre los tres – se acuerda el hombre delgado, de estatura mediana, piel bastante quemada de sol, pelo canoso y ralo, ojos azules.*

*Cuando se mudó para Santa Cruz, pasó un tiempo trabajando en carnicería, pero pronto conoció a los pescadores en los alrededores y volvió al antiguo oficio de niño, que, además de la renta, siempre le trajo mucho placer y “tranquilidad en la rutina movida, llena de ruido”.*

*Estamos en el porche de la casa de otros dos pescadores: señora Lindinalva y señor Hermógenes. Ellos viven en una construcción de dos plantas cerca de la casa de Jaci, también en una urbanización. Es una tarde soleada y fría de jueves. Nosotros empezamos las conversas que llevaron a este texto con una propuesta lúdica.*

*- Si la persona a su lado fuera un pez, ¿cuál sería? Les pregunta Ana Marcela, psicóloga y consultora del Instituto Pacs sentada en la rueda. Los pescadores y la pescadora paran un rato para pensar, pero pronto contestan.*

*- Jaci es un salmonete: crece acá, pero después va hasta Patagonia y vuelve – dice el señor Ozeas. Ya Jaci pensó que Lindinalva era como una piraúna: un pescado “muy sabroso y raro”. Ella, por su vez, dijo que Hermógenes sería un rodaballo, “porque el rodaballo es un pez muy especial”.*

*La bahiana Lindinalva Maria dos Santos, 63 años, vino a buscar una forma de vivir en Santa Cruz en el*

*2006, ya jubilada como pescadora. Junto con ella, vino su marido, Hérmogenes José do Nascimento, 49 años. En nuestra rueda, cuando llegó la vez del marido de Lindinalva comparar alguien a un pez, comparó Ozeas a un rodaballo también. No fue por falta de creatividad.*

*El rodaballo es un pez muy famoso entre los pescadores de Santa Cruz, porque es muy vendible a pesquerías y aun por ser una especie encontrada en el mar cerca al canal de São Francisco, a pesar de la contaminación haber comprometido la biodiversidad local.*

*La pesca en Santa Cruz hace muchos años sufre con los prejuicios ambientales de las industrias instaladas en el barrio, pero la llegada de las obras de la siderúrgica, también en el 2006, inició una etapa de amenazas inmediatas a la pesca artesanal.*

*Primero, con las obras de instalación, vino la captura de los locales de pesca. La compañía posee un puerto privado y, para construirlo, tomó para si la mayor cuna de gambas conocida por los moradores-pescadores.*

*- Nosotros sentábamos en el lodo del mangle con la mano bajo el agua... se podía coger camarón con las manos - se acuerda Ozeas. Y complementa: - Después del puerto, eso terminó.*

*Después vinieron más intervenciones en la dinâmica de las aguas que también llevaron a la contaminación. La empresa cambió industrialmente el curso de los ríos para resfriar las máquinas usadas para hacer el acero, utilizando la misma agua que es tan central para toda la comunidad pesquera. Los pescadores relatan que, después de usada, esa agua vuelve para la bacia hidrográfica, pero muy caliente y modifica el equilibrio ambiental.*

*- Cuando llegamos aquí, el agua del río era limpia. Nosotros salímos para pescar, con dos horas volvimos cargados de pescado. Hoy, si pasamos todo el día jugando la red, aun así no se llena a un térmico. - relata Lindinalva. Ninguna de las modificaciones industriales pasó por consulta popular.*

*En ningún momento la empresa fue llamada por la justicia brasileña para asumir los daños específicos causados a los moradores-pescadores, salvo cuando se juntó a otras empresas locales para construir un dique que*

bairro, mas a chegada das obras da siderúrgica, também em 2006, iniciaram uma época de ameaças imediatas à pesca artesanal.

Primeiro, com as obras de instalação, veio a captura de locais de pesca. A companhia possui um porto privativo e, para construí-lo, tomou para si o maior berçário de camarões conhecido pelos moradores-pescadores. “A gente sentava na lama do mangue e ficava com a mão debaixo d’água, dava para pegar camarão com a mão”, lembra Ozeas e complementa: “depois do porto, isso acabou”.

Depois vieram mais intervenções na dinâmica das águas, que também levaram à poluição, como as modificações industriais no curso dos rios feitas pela empresa para resfriar o maquinário usado para fazer o aço com mesma água tão central à rotina de toda a comunidade pesqueira. Os pescadores relatam que, depois de usada, essa água volta para bacia hidrográfica, mas volta muito quente e altera o equilíbrio.

“Quando a gente chegou aqui, a água do rio era limpa. A gente saía para pescar, com duas horas, voltava carregado de peixe. Hoje, se a gente passa o dia inteiro batendo rede, ainda não enche um isopor”, relata Lindinalva. Nenhuma das modificações industriais foi feita sob consulta popular.

Em nenhum momento a empresa foi chamada pela justiça brasileira a assumir os danos causados especificamente aos moradores-pescadores, salvo quando se juntou a outras empresas locais para construir uma barragem que impediu a saída de barcos estacionados na beira do canal do São Francisco.

Graças a uma ação civil pública movida pela Defensoria Pública do Estado, A Associação de Empresas do Distrito Industrial de Santa Cruz (Aedin) indenizou com salário mínimo mensal um universo de 60 pescadores locais enquanto a barragem não foi desfeita.

Hermógenes e Lindinalva deixam o barco, as redes e o isopor no quintal de casa. No dia da conversa, o isopor estava com pouco menos da metade de peixe pescado no mesmo dia. Era tainha e robalo principalmente. E tinha sido resultado de uma manhã de trabalho. “A gente come uma parte e vende o restante”, explicou Hermógenes.

Tanto ele quanto a esposa vieram de Canavieira, na Bahia, e aprenderam a pescar com pais e avôs. “Eu nasci em família de pescador, tudo que tenho

*impidió a la salida de barcos aparcados en la orilla del canal de São Francisco.*

*Gracias a una acción civil pública firmada por la Defensoría Pública del Estado, la Asociación de Empresas del Distrito Industrial de Santa Cruz (Aedin) pasó a indemnizar con un salario mínimo mensual el universo de sesenta pescadores locales mientras el dique no sea desecho.*

*Hermógenes y Lindinalva dejan el barco, las redes y*

Ozeas Quintanilha compartilha com Hermógenes as lembranças e lições da vida de agricultor e pescador. // Ozeas Quintanilla comparte con Hermógenes los recuerdos y lecciones de la vida de agricultor y pescador.



consegui como pescadora, e estou envelhecendo na pescaria”, narra Lindinalva, que ainda pesca aos finais de semana como forma de lazer. Ela gosta de ir com marido e amigos para um banco de areia na saída do canal do São Francisco chamado informalmente de Areal. Lá, eles fazem um fogo para preparar carnes e passam tardes perto da água, jogando conversa fora.

Ela conta que eles saíram da Bahia para Hermógenes sair da pesca, porque estava muito sacrificado. Uma vez em Santa Cruz, no entanto, era o que ele sabia fazer, então a pesca foi sempre boa parte da contribuição dele ao sustento da casa. Já o ofício de pedreiro, ele aprendeu no Rio, e a junção dos esforços

*el térmico en el patio de la casa. En el día de la conversa, el térmico estaba lleno hasta poco menos de la mitad, con peces pescados en el mismo día. Eran salmonetes y rodabastos, principalmente. El resultado de una mañana de trabajo.*

*- Nosotros nos comemos una parte y vendemos el resto – explicó Hermógenes.*

*Tanto él como su esposa vinieron de Canavieira, provincia de Bahía, y aprendieron a pescar con sus padres y abuelos.*

*- Yo nací en una familia de pescador. Todo lo que tengo, conseguí como pescadora, y me estoy envejeciendo en la pesca – narra Lindinalva, que aun pesca a los finales de semana como ocio. Le gusta ir con su marido*

*y amigos para un banco de arena en la salida del canal de São Francisco, llamado informalmente de Arenal. Allá, hacen fuego para preparar carnes y pasan las tardes cerca del agua, charlando.*

*Ella cuenta que salieron de Bahía para que Hermógenes pudiera dejar a la pesca, porque estaba muy sacrificado. Una vez en Santa Cruz, sin embargo, era lo que él sabía hacer, así que la pesca siempre fue una gran parte de su contribución al sustento de la casa. Ya el oficio de albañil lo aprendió en Rio, y la junción de los esfuerzos fue, poco a poco, alcanzando a las necesidades de la vida.*

*La pareja vive cerca de parientes y amigos, pero, como buenos nordestinos, tienen familia dispersa por muchos lados: Bonsucesso, Olaria, Magé, Santa Cruz, Canavieira. Después de más de una década en Santa Cruz, ellos piensan en volver a Bahía.*

*- Voy a echar de menos la pesca de acá, pero quiero volver a mi rinconcito. – confiesa Hermógenes.*

*La mayor proximidad con la naturaleza en Canavieira y los fines de semana en Santa Cruz con la música alta por la madrugada son algunas de las razones explicadas para justificar su retorno.*

*- Crecí entre el campo y la pesca. Me despertaba a las cuatro de la mañana, ponía una azada a la espalda e iba a la agricultura. Cuando no era eso, era el mar. – Hermógenes narra. – Sandía, maxixe, yuca, papa.*

*Extrañandolo tal cual, Jaci enumera quien nadaba en abundancia por las aguas cerca de casa y hoy casi no se ve más: gamba, camarón, piraúna, rodaballo, salmonete, corvina, tilapia, piau, tucunaré. Los nombres salen con mucha facilidad, uno después del otro, y son parte del habla cotidiana de los cuatro. Están al mismo tiempo en el presente y en el pasado. Lejos e cerca. El río sigue al lado de las casas, ¿pero lo que pasó con él?*

*- Mi padre me enseñó a pescar, me enseñó que lo que es de los otros lo no tomamos. Necesitamos construir lo nuestro – rememora Lindinalva. Mucha charla después, ella complementa: - el mar y los ríos son de todo el mundo. Cuando el hombre viene y destruye, no está en su derecho. Porque el mar no es suyo.*

*foi aos poucos dando conta das despesas da vida.*

O casal vive próximo de parentes e amigos, mas como bons nordestinos, têm família espalhada por vários cantos: Bonsucesso, Olaria, Magé, Santa Cruz, Canavieira. Depois de mais de uma década em Santa Cruz, eles pensam em voltar para a Bahia. “Eu vou sentir falta da pescaria daqui, mas quero voltar para o meu canto”, confessa Hermógenes.

A maior proximidade com a natureza que existe em Canavieira e os finais de semana em Santa Cruz com música alta madrugada adentro são algumas das razões apontadas por ele para justificar o retorno. “Eu me criei entre a roça e a pesca. Acordava quatro da manhã, colocava uma enxada nas costas e ia para o roçado. Quando não era isso, era o mar”, Hermógenes narra. E lista: “Melancia, maxixe, abóbora, mandioca, batata”.

Com a mesma saudade, Jaci enumera quem nadava em abundância pelas águas perto de casa e hoje quase não aparece mais: camarão, pitu, piraúna, robalo, tainha, curvina, tilápia, pial, tucunaré. Os nomes saem com muita facilidade, um atrás do outro e fazem parte da fala corriqueira dos quatro. Estão ao mesmo tempo no presente e no passado. Longe e perto. O río continua ao lado das casas, mas o que aconteceu com ele?

“Meu pai me ensinou a pescar me ensinou que o que é dos outros a gente não pega, a gente precisa construir o nosso”, rememora Lindinalva. Muita prosa depois, ela complementa: “O mar e os rios são de todo mundo. Quando o homem vem e destrói, ele não está no direito dele. Porque o mar não é dele”.





////// PERFIL

# Sepetiba ou a casa-baía de Kika

La casa-bahía de Kika

FORA  
TEMER  
E OS BANQUEIROS!

9

FORA  
(CONFIOS)  
SINDICATO  
É PRA LUTAR!

CHAPA

**K**ika. Será que se escreve assim? O que tem a ver com Marta? Não é de Francisca? Eu me pergunto, em silêncio, sobre o nome.

– É assim que me chamam – diz. Depois dessa, caderno e gravador que carrego na mochila ficam por ali mesmo. Aquele encontro não é coisa que seja pela palavra escrita. Muito menos gravada. É o cheiro. O cheiro penetrante de mar que fala. E como se documenta um cheiro? E como se fala de uma história que não a nossa?

Por Iara Moura

Encontrei Kika duas vezes antes. Na primeira, estava fora de sua casa-quintal-mar. Na outra, estava por ali no seu território, mas chegamos numa hora em que descansava da lida. Desta vez, não. Desta vez, na mesa de tábuas coberta de marisco fresco, tira uma a uma a linha pretinha que deve ser as tripas do corpo mole e alaranjado. Sem faca, sem balança, sem nada além das mãos hábeis, impassíveis à visão.

– E como é o processo de limpeza do marisco?

– Tem de tirar esse umbiguinho aqui, ó, um a um. – Entendo. Ela, de pé, na sombra de uma árvore, tira o que não se come e joga às galinhas que fazem alvoroço no chão.

Ao redor de Kika, o marido, os filhos maiores e menores, o genro, a nora e a neta também se

Kika aprendeu ainda criança a apanhar e tratar o marisco. Hoje, não vê uma vida apartada da Baía de Sepetiba.  
// Kika aprendió aún niña a coger y a tratar los mariscos. Hoy, no imagina (opcional) una vida apartada de la Bahía de Sepetiba.

entretêm na lida. Ela pesa com a mão, fazendo movimentos de cima para baixo como se estivesse jogando uma bolinha para o ar, vários montinhos de meio quilo de marisco que vai enfiando em saquinhos plásticos.

– Tem muito aí, tire um bocado – diz Leú, o marido. Ela balança a cabeça como quem espanta um mosquito a zumbir. E ri de novo:

– É bom que os clientes se agradam.

Leú toma alguns goles de cachaça com o cunhado. Das mulheres, a única que se junta aos homens na pinga é uma sentada mais ao fundo,

QUANDO VIERAM, AVISTARAM O PRETUME DAS LONAS.  
QUASE NÃO SE DISTINGUIA DO CHÃO, COBERTO DAS CASCAS  
DOS MARISCOS, TAMBÉM PRETO ARROXEADO. JUNTO DO  
MARIDO, FEZ UMAS PAREDES DE LENÇOL E BOTOU AS  
CRIANÇAS DENTRO. PARA ESCAPAR DA INUNDAÇÃO DA  
ÁGUA QUE CORRIA DO BARRANCO, DORMIAM EM CIMA  
DE UBS CAIXOTES DE PLÁSTICO, DAQUELES DE GUARDAR  
PESCADO OU CARNE EM FRIGORÍFICO.

CUANDO LLEGARON, AVISTARON EL NEGRO DE LAS LONAS. CASI NO SE DISTINGUÍA DEL  
SUELLO, CUBIERTO DE CASCAS DE MARISCOS, TAMBIÉN NEGRO VIOLENTE. JUNTO A SU  
MARIDO, HIZO UNAS PAREDES DE SÁBANAS Y PUSO LOS NIÑOS ADENTRO. PARA HUIR DE LA  
INUNDACIÓN DE AGUA QUE ESCURRÍA DEL BARRANCO, DORMÍAN ARRIBA DE UNAS CAJAS DE  
PLÁSTICO, DE LAS QUE SE USA PARA GUARDAR PESCADO O CARNE EN EL FRIGORÍFICO.

também a limpar o marisco. Cada vez que alguém se move no chão de terra coberto de casca de marisco, o crec-crec faz sinfonia.

Kika e a família têm um acordo com uma peixaria local, dali de Pedra de Guaratiba mesmo, que recebe e compra a produção. Custa doze o quilo. Isso garante o sustento dela, dos sete filhos e do marido numa casa de três cômodos, sem paredes, com geladeira, fogão, televisão,

**K**ika. ¿Se escribirá así? ¿Qué tiene que ver con Marta? ¿No sería de Francisca? Me pregunto, en silencio, sobre el nombre.

- Es como me llaman – dice. Después de eso, cuaderno y grabador que llevo en la mochila se quedan por allí mismo. Aquel encuentro no era cosa para la palabra escrita. Mucho menos grabada. Es el olor. El olor penetrante del mar es lo que habla. ¿Y cómo se documenta un olor? ¿Y cómo hablar de una historia que no es la nuestra?

Encontré Kika dos veces antes. En la primera, no estaba en su casa-patio-mar. En la otra, estaba por allí

en su territorio, pero llegamos a la hora que descansaba del trabajo. De esta vez, no. De esta vez, en la mesa de tablas encubierta de marisco fresco, quita una a una la línea negra que deben ser las tripas del cuerpo blando y naranja. Sin cuchillo, sin balanza, sin nada además de las manos hábiles, impasibles a la visión.

- ¿Y cómo es el proceso de limpieza del marisco?

- Hay que sacar ese ombliguito aquí, mira, uno a

*uno. – Entiendo. Ella, de pie, bajo la sombra de un árbol, saca lo que no se come y lo tira a las gallinas que hacen alborozo en el suelo.*

*Alrededor de Kika, el marido, los hijos mayores y menores, el yerno, la nuera y la nieta también se entretienen en el trabajo. Ella pesa con la mano, haciendo movimientos de arriba para abajo como si estuviera jugando una pelotita al aire, varios montecitos de medio quilo de marisco que va metiendo en bolsitas plásticas.*

*- Hay mucho allí, saca un poco – dijo Leú, el marido. Ella mueve la cabeza como quien ahuyenta a un mosquito que hace zumbido. Y se ríe de nuevo:*

*- Es bueno que a los clientes se los agrada.*

*Leú toma algunos tragos de cachaça con el cuñado. De las mujeres, la única que se junta a los hombres en la “pinga” es una que está sentada más al fondo, también a limpiar mariscos. Cada vez que alguien se mueve en el suelo de tierra cubierto de cascara de marisco, el “crec-crec” hace sinfonía.*

*Kika y su familia tienen un acuerdo con una pescadería local, de Pedra de Guaratiba mismo, que recibe y compra su producción. Cuesta doce reales el quilo. Eso garantiza su sustento, de los siete hijos y del marido en una casa de tres cómodos, sin paredes, con nevera, fogón, televisión, colchones y frazadas. Se queda allí en una esquina de la Baía de Sepetiba.*

*- Yo vivo en mi lugar de trabajo, ¿verdad?*

*No hay de hecho límites casa-trabajo-vida. Las casas, ahora en ladrillo y cemento, pero aún sin pintura o forro, son como extensiones de la playa y de la bahía – ¡o sería el revés?*

*Llegaron allí, ella y más cinco hijos ya nascidos, hace 14 años, huyendo del miedo.*

*- Yo tenía dos hijos adolescentes. La región se estaba quedando mala para ellos – cuenta, refiriéndose a la violencia del tráfico de drogas y de las disputas territoriales entre fuerzas militares y paramilitares comunes a las periferias de Brasil y de América Latina.*

*Cuando llegaron, avistaron el negro de las lonas. Casi no se distinguía del suelo, cubierto de cascarras de*

colchões e cobertas. Fica ali numa esquina da Baía de Sepetiba.

*– Eu moro no meu lugar de trabalho, né?*

Não tem mesmo limite casa-trabalho-vida. As casas, agora em tijolo e cimento, mas ainda sem pintura ou forro, são como extensão da praia e da baía – ou seria o contrário?

Chegaram ali, ela e mais cinco dos filhos já nascidos, há 14 anos, fugindo do medo.

- Eu tinha dois filhos adolescentes. A região tava ficando ruim para eles – conta, referindo-se à violência do tráfico e das disputas territoriais entre forças militares e paramilitares comuns às periferias do Brasil e da América Latina.

Quando vieram, avistaram o preume das lonas. Quase não se distinguia do chão, coberto das cascas dos mariscos, também preto arroxeados. Junto do marido, fez umas paredes de lençol e botou as crianças dentro. Para escapar da inundação da água que corria do barranco, dormiam em cima de uns caixotes de plástico, daqueles de guardar pescado ou carne em frigorífico. Levou um tempo assim. “Se hoje faz frio do vento que vem da baía, imagina naquela época”, eu penso. Ela me olha fundo e sorri.

Do marisco, Kika fez sua vida, e dele não pensa ser apartada.

- Nääao. De jeito nenhum – responde enfática quando pergunto se já desejou viver de outra coisa. Faz um tempo, conquistou a carteirinha que garante seu sustento durante o defeso. Mesmo nesses tempos, de outubro a março mais ou menos, não arreda pé da sua casa-baía. O marido e os filhos ainda fazem uns bicos de pedreiro, capinar terreno, o que aparecer. Ela não quer saber de nada além do ofício que lhe dá gosto, sustento e que aprendera de pai e mãe.

Miúda, já ia apanhar o marisco. Ficava junto dos irmãos na praia até pai e mãe se perderem

de vista água adentro. Quando voltavam, sentavam em roda no fogaréu a cozir e amolecer as conchas. Todo mundo participava, menos os que ainda mamavam no peito. Lá pelos catorze, foi enviada pra trabalhar na casa de uma família – outra, não a sua. Lembra do período de quatro anos em que trabalhou para uma mulher que escrevia novela.

Não quis entrar muito nessa seara quando puxei pela linha da memória. Longe de pai, mãe e irmãos, atrás de uma vida mais confortável, ficava mesmo era pegada no trabalho, sem dia e noite bem definidos. Agora, as coisas são mais apartadas. Sol nascendo é hora de pegar marisco. Tarde é hora de limpar e ensacar. Noite é se cobrir e ver TV. Passa assim o tempo.

Quando fez dezoito, Kika voltou para Pedra de Guaratiba, a acudir a mãe. O pai morrera deixando a mãe e dez filhos no mundo. Passou a ser irmã-mãe dos mais novos. Cozinhava, lavava, pegava no colo, banhava, alimentava, ninava. E a mãe no marisco.

Aos vinte e poucos teve dois filhos. Com os miúdos já mais crescidos, conheceu Leú. Seguiu na linha do mar. Dali nunca se afastou.

mariscos, también negro violeta. Junto a su marido, hizo unas paredes de sábanas y puso los niños adentro. Para huir de la inundación de agua que escurreía del barranco, dormían arriba de unas cajas de plástico, de las que se usa para guardar pescado o carne en el frigorífico. Estuvo un tiempo así. “Si hoy hace frío del viento que viene de la Bahía, imagina en aquella época”, yo pienso. Ella me mira hondo y sonríe.

Del marisco, Kiko hizo su vida, y de ello no piensa apartarse.

- Noooo. De ninguna manera. – contesta enfática cuando pregunto si ya deseó vivir de otra cosa. Hace un tiempo, conquistó el carné que garantiza su sustento mientras es temporada de veda. Incluso en este tiempo, de octubre a marzo más o menos, no se aleja de su casabahía. El marido y los hijos aún hacen trabajos informales de albañil, desbrozar terreno, lo que sale. Ella no quiere saber de nada además del oficio que le gusta, sostiene y que aprendió del padre y de la madre.

Niña, ya iba a coger marisco. Se quedaba junto a los hermanos en la playa hasta que el padre y la madre se perdiessen dentro del agua. Cuando volvían, sentaban en círculo en la hoguera para cocinar y ablandar las conchas. Todo el mundo participaba, menos los que aún mamaban en el pecho. Sobre los catorce, fue enviada para trabajar en la casa de una familia – otra, no la suya. Se acuerda del



Enquanto trabalha, Kika conta como assistiu à chegada de portos, indústrias e navios a Sepetiba. // Mientras trabaja, Kika cuenta cómo asistió la llegada de puertos, industrias y grandes embarcaciones a Sepetiba.

*periodo de cuatro años en lo que trabajó para una mujer que escribía telenovelas.*

*No quiso hablar mucho de este tema cuando tiré de la linea de la memoria. Lejos de padre, madre y hermanos, buscando una vida más cómoda, se quedaba agarrada en el trabajo, sin día ni noche definidos. Ahora, las cosas son más definidas. Sol naciendo es hora de coger mariscos. La tarde es hora de limpiar y ensacar. La noche es cubrirse y mirar a la tele. Así pasa el tiempo.*

*Cuando hizo dieciocho, Kika volvió a Pedra de Guaratiba para acudir a la madre. El padre se murió dejando la madre y diez hijos en el mundo. Pasó a ser la hermana-madre de los más chicos. Cocinaba, lavaba, los cogía en brazos, duchaba, alimentaba, arrullaba. Y la madre en el marisco.*

*A los veinte y poco, tuvo dos hijos. Con los niños mayores, conoció Leú. Siguió en la línea del mar. De allí nunca se alejó.*

*- Siempre vamos dos a coger, porque, si pasa algo, el otro puede pedir socorro. - La vida en el mar es misterio y hay que respetárselo.*

*Pregunto si ella no termina por herir la mano en el movimiento de abrir las cáscaras de la concha. Ella casi se reí y enseña las palmas gruesas.*

*- Usamos estos guantes para cogerlos. A veces alguien se corta. Es normal. Hay una mujer allí, mi vecina, que amputó las dos piernas. - Enseña una concha cerrada. - Pisó en eso, mira, y entró en su carne. Ella no quiso cuidar, infeccionó, hinchó, una cosa horrible. Después pasó de una pierna a la otra. Amputó primero el pie, después la pierna entera.*

*En poco tiempo llegaron los niños, que habían ido de bicicleta a la profesora particular. Kika se queja:*

*- Es lejos, sabes, para que se vayan a la escuela. No hay colectivos cerca de aquí. Tienen que caminar hasta la punta allá, bajo sol caliente a veces. Ya hicimos petición, hicimos todo para que pongan buses, pero nada - se desahoga.*

*- ¿Y ustedes cogen (el marisco) todos los días?*

*- Depende del tiempo. Ayer yo sabía que iba a llover. ¿Qué hice? Todo el mundo ir ya a buscar para garantizar. Hasta ahora nadie ha comido.*

*- Sempre vamos de dois apanhar, porque, se acontecer algo, o outro pode pedir socorro. - A vida no mar é mistério e há que se respeitar.*

*Pergunto se ela não acaba por ferir a mão naquele movimento de abrir as cascas da concha. Ela quase ri e mostra as palmas grossas.*

*- A gente usa essa luva pra apanhar. Vez por outra alguém se corta. Faz parte. Tem uma mulher ali, minha vizinha, que amputou as duas pernas. - Mostra uma concha fechada. - Pisou nisso aqui, ó, e entrou na carne dela. Ela não quis cuidar, infeccionou, inchou, uma coisa horrível. Depois passou de uma perna à outra. Amputou primeiro o pé, depois as perna inteira.*

*Dali a pouco, chegam as crianças, que foram de bicicleta pra explicadora. Kika se queixa:*

*- É longe, viu, pra elas irem pra escola. Num tem ônibus aqui perto. Elas têm que andar até a ponta ali no sol quente às vezes. Já fizemos abaixo assinado, já fizemos de um tudo pra botarem ônibus, e nada - desabafa.*

*- E vocês pegam todo dia?*

*- Depende do tempo. Ontem eu já sabia que chovia hoje. Quê que eu fiz? Todo mundo ir buscar pra já garantir. Até agora, ninguém almoçou.*

*Está perto de anoitecer e o vento gelado de Agosto dói na cara. De camiseta e short, Kika cuida se as menores estão agasalhadas e segue. Aponto para uma pequena área onde o mato cresce disforme. Ela olha por cima do ombro e quase lamenta. Quase.*

*- Era minha horta.*

*- Tinha o quê?*

*- Tomate, acerola, pimenta. Vieram e arrancaram tudo. Na maior grosseria.*

*Os homens de força, de polícia ou de autoridade, dificilmente são pessoalizados. São, para Kika, como forças da natureza. Que*

vêm e agem a despeito de tudo. Mas, diferentes da maré, não seguem fluxo nenhum ao qual seja possível se adaptar e nem dão frutos ou acolhida. Agem por desejos de outra ordem.

## Os invasores

Sepetibeiras são árvores que se destacam na vegetação da restinga. Comuns ali dão nome à região que em cinco de julho de 2018 completou 451 anos de “existência”. Que marco seria esse? O homem branco costuma contar o tempo a partir de grandes construções: fortés, igrejas, barragens. Os tamoios<sup>1</sup> que ali viviam deviam contar o tempo de outra forma.

Conta a história dos livros que D. João VI e a Corte foram convencidos pelos padres da Companhia de Jesus a visitar Sepetiba. Após percorrer o litoral, o rei ordenou a construção de um cais e duas pontes. Antes da inauguração do tal cais, três vapores foram utilizados para o transporte de carga e passageiros entre Sepetiba e o porto de Santos. Por ser entremedio comercial importante, na época Sepetiba foi elevada à condição de província.

No século XXI, a Baía de Sepetiba se tornou casa para mega-empreendimentos e fonte de riqueza para o Distrito Industrial de Santa Cruz. Hoje é sede de quatro portos – o de Sepetiba, o Sudeste, o da Usiminas e o da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA). Ali de onde Kika vive, não dá para ver, mas, quando pega o barco, anda um pouco só e já no horizonte vê os enormes navios descarregando minério a céu aberto em recipientes gigantes, suspensos por guindastes. São enormidades frente ao barquinho caiçara onde Kika vai montada com o marido. Ela diz que afeta a pesca porque espanta o peixe e vai tornando a água escura.

Para Kika, que parou de ir à escola pela

*Está cerca de oscurecer y el viento helado duele en la cara. De camiseta y shorts, Kika cuida si las más chicas están abrigadas y sigue. Señalo a una pequeña área donde el césped crece sin forma. Ella mira por encima de los hombros y casi lamenta. Casi.*

- Era mi huerto.

- ¿Qué tenía?

- Tomate, acerola, pimienta. Vinieron y sacaron todo. Con violencia.

*Los hombres de fuerza, de la policía o de autoridad, difícilmente son personalizados. Son, para Kika, como fuerzas de la naturaleza. Vienen y actúan a despecho de todo. Pero, diferentes de la marea, no siguen ningún flujo a lo cual sea posible adaptarse, tampoco dan frutos o acogida. Actúan por deseos de otro orden.*

## Los invasores

*Sepetibeiras son árboles que se destacan en la vegetación de la restinga. Comunes allí, dan nombre a la región que en cinco de julio de 2018 completó 451 años de existencia. ¿Qué hito sería este? El hombre blanco acostumbra a contar el tiempo a partir de las grandes construcciones: fuertes, iglesias, represas, etc. Los tamoios<sup>1</sup> que allí vivían debían contar el tiempo de otra manera.*

*Cuenta la historia de los libros que D. João VI y la Corte fueron convencidos por los padres de la Compañía de Jesús a visitar Sepetiba. Tras recoger el litoral, el rey ordenó la construcción de un muelle y dos puentes. Antes de la inauguración del muelle, tres vapores fueron utilizados para el transporte de carga y pasajeros entre Sepetiba y el puerto de Santos. Por ser uno intermedio comercial importante, a la época fue elevada a la condición de provincia.*

*En el siglo XXI, la Bahía de Sepetiba se volvió casa para megaproyectos y fuente de riqueza para el Distrito Industrial de Santa Cruz. Hoy es sede de cuatro puertos – el de Sepetiba, el Sudeste, el de Usiminas y el de la Compañía Siderúrgica del Atlántico (CSA). Allí es donde vive Kika. No se los puede ver, pero cuando se coge el barco, se navega un poco y ya en el horizonte surgen los enormes navíos descargando minería al aire libre en grandes recipientes, suspendidos por guindastes. Son enormes delante del barquito pesquero donde va Kika y su*



A família de Kika e alguns vizinhos se dividem no trabalho coletivo de apanhar, limpar e ensacar o marisco. // La familia de Kika y algunos vecinos se dividen entre los trabajos colectivos de recoger, limpiar y envasar los mariscos.

*marido. Ella dice que afecta la pesca porque ahuyenta el pescado y va tornando el agua oscura.*

*Para Kika, que dejó la escuela sobre la quinta serie – lo que equivale hoy al sexto año –, el tiempo es contado en la marea y es en este ritmo que la historia se hace. Su historia quien la cuenta es ella misma, sin la expectativa de que esté en los libros. Lo que quiere es vivir el tiempo presente, inscribiéndose, junto a su familia, en el pasar del tiempo, demarcando entre sus gallinas las huellas en aquel territorio que es suyo. Kika contraría el lucro a una poca gente que nunca allí ha puesto los pies. Ella sabe que no tiene vida, mucho menos historia, apartada de su casa-baía de Sepetiba. La Bahía también parece intuir que la reciproca es verdadera.*

*Allí, de pie, apoyada en la mesa encubierta de mariscos, bajo el pie del árbol, avista la bahía, sus gallinas, hijos, hermano, nieta, marido y yerno sentados. Dice, con una convicción rara: Soy feliz, ¿verdad? En aquella esquina delante de la Bahía de Sepetiba, cuando fuerza la apertura del marisco, Kika abre una brecha en el tiempo-espacio de los puertos, de las siderurgias, de las presas e insiste.*

quinta série – equivalente ao que seria o sexto ano hoje –, o tempo é contado na maré, e é nesse ritmo que a história se faz. A história dela, quem vai contando é a própria, sem expectativa de que esteja nos livros. O que ela quer é viver no tempo presente, inscrevendo-se junto de sua família na passagem do tempo, demarcando em meio às suas galinhas as pegadas naquele território que é seu. Kika contraria o lucro a uma pouca gente que ali nunca nem botou o pé. Ela sabe que não tem vida, muito menos história, apartada da sua casa-baía de Sepetiba. A Baía também parece intuir que a reciproca é verdadeira.

Ali, de pé, encostada na mesa coberta de marisco, debaixo do pé da árvore, avista a baía, suas galinhas, filhos, irmão, neta, marido e genro sentados. Diz, com uma convicção rara: - Sou feliz né? Naquela esquina de frente pra Baía de Sepetiba, quando força a abertura da concha do marisco, Kika abre uma brecha no tempo-espaco dos portos, das siderúrgicas, das barragens e insiste.



Regina, Maria, Rosi e Tânia compartilham a busca por serem ouvidas e respeitadas no território onde vivem. // Regina, María, Rosi e Tânia comparten la búsqueda por ser oídas y respetadas en el territorio donde viven.





////// PERFIL

# Vizinhas de Santa Cruz entre segredos e esquecimentos

Vecinas de Santa Cruz  
entre secretos y olvidos

Por Janaína Pinto

**E**uma tarde ensolarada quando Regina Aparecida, Maria Regina, Rosimeri e Tânia se encontram na sala da casa de uma delas para uma conversa. Com um sofá em “L” e algumas cadeiras, as mulheres assentam a poeira dos afazeres domésticos por algumas horas e lembram a vida – de agora e de muitos anos atrás. O encontro entre elas não é corriqueiro. Embora vivam no mesmo bairro há décadas e se conheçam de eventos sociais, elas não costumam sentar para conversar só entre elas.

Ao longo dos anos, e cada uma pelas próprias razões, acabaram levadas a reuniões de moradores de Santa Cruz, no contexto da insatisfação local com a poluição e o mau uso industrial da água e da terra no bairro. A antiga ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico, hoje Ternium Brasil, começou a criar caso na vizinhança em 2006 e deu a elas um ponto em comum. Tantos anos depois, uma tarde de conversa só entre elas faz deixar ver que existem muitas outras parecenças entre as quatro.

Os encontros de moradores agregaram mulheres principalmente em torno de referências como a de Maria Sueli Barreto, 68 anos, moradora da Reta João XXIII, que participou de audiências públicas como denunciadora da conduta ilegal da empresa e procurou mobilizar gente em ações

*S*es una tarde soleada cuando Regina Aparecida, María Regina, Rosimeri y Tânia se encuentran en el salón de la casa de una de ellas para una charla. Con un sillón en "L" y algunas sillas, las mujeres dejan las tareas domésticas por algunas horas y se acuerdan de la vida – de ahora y de muchos años atrás. El encuentro entre ellas no es habitual. Aunque vivan en el mismo barrio hace décadas y se conozcan de eventos sociales, no tienen la costumbre de sentarse juntas solamente para charlar.

*A lo largo de los años, cada una por sus propias razones, fueron llevadas a reuniones de habitantes de Santa Cruz, en el contexto de la insatisfacción local con la contaminación y el mal uso industrial del agua y de la tierra del barrio. La antigua ThyssenKrupp Compañía Siderúrgica del Atlántico, hoy Ternium Brasil, empezó a crear problemas en la vecindad en el 2006 y les dio un punto en común. Tantos años después, una tarde de charla las hizo darse cuenta de que comparten muchas cosas más.*

*Los encuentros entre habitantes agregan mujeres sobretodo en torno a referencias como la de Maria Sueli Barreto, 68 años, habitante de la Reta João XXIII, que participó de audiencias públicas como denunciadora de conducta ilegal de la empresa y buscó movilizar a la gente en acciones penales que hasta hoy no han sido juzgadas. La persona de Martha Andrade – mujer negra y luchadora histórica de Santa Cruz en el área de la democratización de la salud, hoy fallecida – también atrajo mujeres para la organización de moradores. En el momento actual de la*

penais que até hoje não foram julgadas. A figura de Martha Trindade – mulher negra e lutadora histórica de Santa Cruz na área da democratização da saúde, hoje falecida – também atraiu mulheres para a organização de moradores. No momento atual da caminhada coletiva, no entanto, quem tem puxado as discussões tem sido uma juventude que essa mulherada conhece muito bem.

A dona da sala onde aconteceu a conversa é Regina Aparecida Marins, 52 anos. Ela é merendeira do Colégio Pedro II de Realengo e mora no trevo do Guandu, em Santa Cruz, desde sempre. Quando criança, arrancava coco e raptava galinhas desavisadas nos quintais dos vizinhos para a mãe fazer almoço ou cocada. Muito vaidosa e preta retinta, ela leva os cabelos sempre muito bem penteados e lisos. Usa roupas de corte clássico e cores neutras, como o creme e o lilás claro. É mãe de duas jovens mulheres de riso e delicadezas leves. Ambas as filhas de Regina são integrantes do Coletivo Martha Trindade. Ela cuidou de pessoas e casas a vida inteira.

Ela nasceu e se criou na mesma rua onde hoje mora com o marido e a mais nova das filhas. A mais velha, Aline, faz faculdade em Campos. A Regina Aparecida trabalha desde muito pequena. Antes de completar 10 anos, ajudava a mãe como doméstica em uma casa vizinha, onde o pagamento das duas era feito apenas em comida.

Décadas mais tarde, se casou com um dos filhos dessa casa: o agricultor e descendente de portugueses Ozeas Quintanilha, 87 anos.

A partir dos 10 anos, ela passou a cuidar da mãe. O pai foi embora sem deixar vestígios, e ela foi trabalhar sozinha em casas de família da Zona Sul do Rio de Janeiro. Conta assim:

– A mamãe ia para as casas fazer faxina e me levava para ajudar. Um dia ela me deixou no Largo da Glória e disse: “Vai pra Urca”. Eu olhei [para a placa]: “107 – Urca”. Entrei dentro do ônibus, e nunca mais saí. Urca, Copacabana, Ipanema. Eu trabalhei em tudo aquilo. Eu só voltava [para Santa Cruz] de quinze em quinze dias, ou menos. E minha mãe só ia onde eu trabalhava [para] apanhar meu pagamento, apanhava o dinheiro todo.

Quando Regina voltava para a casa onde nasceu, não tinha onde dormir, só se fosse na

*trayectoria colectiva, sin embargo, quien viene haciendo avanzar las discusiones es una juventud que aquellas mujeres conocen muy bien.*

*La dueña del salón donde ocurrió la charla es Regina Aparecida Marins, 52 años. Es funcionaria de la merienda en el Colegio Pedro II del barrio de Realengo y vive en el trébol del Guandu, en Santa Cruz, desde siempre. Cuando niña, cogía cocos y raptaba gallinas desavisadas en los patios de los vecinos para que la madre hiciera comida o dulce de coco. Muy vanidosa y negra oscura, lleva el pelo siempre bien peinado y liso. Usa ropa de corte clásico y colores neutros, como el crema y el lila claro. Es madre de dos jóvenes mujeres de risa y delicadezas livianas. Ambas las hijas de Regina son integrantes del Colectivo Martha Andrade. Cuidó de las personas y de las casas por toda su vida.*

*Nació y creció en la misma calle donde hoy vive con el marido y la hija menor. La mayor, Aline, estudia en la universidad en Campos. Regina Aparecida trabaja desde*

Com a chegada da siderúrgica, as mulheres de Santa Cruz viram aumentar exponencialmente o trabalho de limpeza da casa e cuidado com a saúde da família. // Con la llegada de la siderúrgica, las mujeres de Santa Cruz vieron aumentar exponencialmente el trabajo de limpieza de la casa y el cuidado con la salud de la familia.



*muy chica. Antes de cumplir 10 años, ayudaba a la madre como empleada doméstica en una casa vecina, donde el pago de las dos era hecho en comida. Décadas después, se casó con uno de los hijos de la casa: el agricultor y descendiente de portugueses Ozeas Quintanilha, 87 años.*

*A partir de los 10 años, pasó a cuidar de la madre. El padre se fue sin dejar vestigios, y ella fue a trabajar sola en casas de familia de la zona sur de Rio de Janeiro. Así cuenta:*

*- Mi mamá iba para las casas limpiar y me llevaba para ayudarla. Un día me dejó en el Largo da Glória y dijo: "Vayas a Urca". Yo miré [la placa]: "107 – Urca". Subí en el bus y nunca más bajé. Urca, Copacabana, Ipanema. Trabajé en todo eso. Solo volvía [a Santa Cruz] a cada quince días, o menos. Y mi madre solo iba donde yo trabajaba para coger mi sueldo, agarraba todo el dinero.*

*Cuando Regina volvía para la casa que nació, no tenía cama para dormir, sólo lo podría hacer en la cocina. A veces, también, el padrastro le pegaba. La segunda niñez y la juventud de Regina, de los 10 a los 27 años, las pasó en la zona sur. En los fines de semana de descanso, cuando se quedaba allá, iba al forró con sus amigas. Hasta el día que se casó con Ozeas, que era separado, y así dejó de dormir en el trabajo – o en la cocina.*

*Sentada en la silla de plástico, en el salón de casa, cuenta esos y otros detalles de su vida. Sus hijas están cerca, medio atentas, medio despistadas. Abre la casa para las otras mujeres con una mesa llena de comidas exquisitas. Empanadas de palmito, pastel y café frescos y sumo de caja. La casa – como ella y las hijas – tiene un aire abierto, simpático y digno. "Digna" es una palabra muy definidora de la manera como Regina se presenta.*

*Las mujeres llegaron en su casa poco a poco, en aquella tarde de jueves. Era día de los abuelos, así que una de ellas, abuela de siete niños, llegó tarde, intentando dejar una casa llena de regalos. Rosimeri Almeida Lopes Duarte es cobradora de autobús jubilada y es más conocida*

cozinha. Às vezes, também, o padrasto lhe batia. Então a segunda infância e a juventude da Regina, dos 10 aos 27 anos, foi na Zona Sul. Nos fins de semana de folga, quando ficava por lá, gostava de ir aos forrós com as amigas. Até que um dia ela se casou com Ozeas, que era separado, e desde então deixou de dormir no trabalho – ou na cozinha.

Sentada em cadeira de plástico, na sala de casa, ela conta esses e outros detalhes da própria vida, enquanto as filhas sentam próximas, meio atentas, meio distraídas. Ela abre a casa para as demais mulheres com uma mesa cheia de quitutes. Folheados de palmito, bolo fofo, café fresco e suco de caixa. A casa – como ela e as filhas – tem um ar aberto, simpático e digno. "Digna" é uma palavra muito definidora da maneira como Regina se apresenta.

As mulheres chegaram na casa dela, na tarde daquela quinta-feira, aos poucos. Era dia dos avôs, então uma delas, que é avó de sete crianças, atrasou um tanto, tentando desviar de uma casa cheia de parentes. Rosimeri Almeida Lopes Duarte é cobradora de ônibus aposentada e mais conhecida pela vizinhança como "a Abençoada", porque é essa a forma como chama as pessoas: "Pode sentar, Abençoada"; "Abençoado, o troco tá errado".

Rosimeri tem os cabelos cacheados, a pele negra bem cuidada e sobrancelhas marcantes. Muito religiosa e expansiva, a mulher de 52 anos adora oferecer todos os mimos possíveis aos netos – principalmente comida –, mas não gosta tanto de se lembrar de quando era criança.

– O que é ruim, melhor a gente esquecer – sentencia.

Nascida em Realengo, ela viveu com os sete irmãos na casa do avô materno. A mãe morreu quando ela tinha 12 anos. Três anos depois,

perderam o avô. Do pai ela nem fala. Depois disso, ela e os irmãos ficaram à própria sorte. Então ela trabalhou em casa de família para sobreviver. Hoje mora no conjunto habitacional Guandu I, vizinho ao de Regina, e chegou para a conversa agitada e muito esperta, como aparenta ser no dia a dia.

Se ela tem alguma inibição para falar das dores do passado, não tem uma sequer ao lembrar as peraltices:

- Eu pulava muito o muro da escola para poder beijar, sabe? E ir ao cinema. Não tem aquele cinema pornográfico? Eu era virgem, hein? Mas eu ia. Ih, minha filha, matava a aula e ia lá no Poeirinha do Realengo. Mas os beijos que eu dava eram beijos mesmo, não eram esses namoros modernos. Só beijinho. Eu demorei a casar. Devia era ter demorado mais, mas eu via revista de homem pelado e ficava danada. O problema foram as revistas.

Enquanto Rosi abre o coração sobre as danações, a outra Regina da roda fica ansiosa para falar também. A Maria Regina de Paula, 58 anos, é conhecida como filha da dona Geralda. É uma mulher grande, tem uma risada alta, fluida e fácil. A pele é negra, com pequenas marcas do tempo, e os cabelos alisados costumam estar amarrados. Existe um otimismo muito assertivo na maneira como ela cumprimenta as pessoas. Quando conta histórias, alteia o volume da voz, mas é de timbre grave.

Ela é natural de Itajubá, Minas Gerais, uma cidade com pouco mais de 90 mil habitantes, onde um terço da população vive com renda igual ou inferior a meio salário mínimo. No grupo, ela é a única não nascida na Zona Oeste do Rio – e também a única solteira.

A mais velha de cinco irmãos – um deles é filho de outra mãe –, Maria Regina veio morar no Rio aos 22 anos, procurar meio de vida. A mãe já vivia na capital carioca havia um bocado, e mandava dinheiro para ela e os três irmãos pagarem um lugar

por la vecindad como “La bendecida”, porque es la forma como las personas la llaman: “Puede sentarse, Bendecida”; “Bendecida, el cambio está equivocado”.

Rosimeri tiene el pelo rizado, la piel negra muy bien cuidada y cejas sobresalientes. Muy religiosa y expansiva, a la mujer de 52 años le gusta ofrecer todos los mimos posibles a los nietos – principalmente comida –, pero no le gusta tanto acordarse de cuando era niña.

- Lo que es malo, mejor olvida – sentencia.

Nacida en Realengo, vivió con siete hermanos en la casa del abuelo materno. La madre murió cuando tenía 12 años. Tres años después, perdieron el abuelo. Del padre ni habla. Después, ella y los hermanos se quedaron a su propia suerte. Pasó a trabajar en casa de familia para sobrevivir. Hoy vive en la urbanización Guandu I, vecina a la de Regina, y llegó muy despierta e inquieta para la charla, como suele ser en el día a día.

Si tiene alguna inhibición para hablar sobre los dolores del pasado, no tiene ninguna para acordarse de sus travesuras:

- Saltaba siempre al muro de la escuela para besar, ¿sabes? E ir al cine. ¿No hay aquel cine porno? Yo era virgen, ¿eh? Pero iba. Ih, hija mía, faltaba la clase y iba al Poeirinha de Realengo. Pero los besos que yo daba eran besos de verdad. No eran esas relaciones modernas. Eran sólo besitos. Yo tardé en casar. Debía haber tardado más, pero yo veía las revistas de hombre desnudo y me quedaba excitada. El problema fueron las revistas.

Mientras Rosi abre el corazón sobre sus diabluras, la otra Regina de la rueda se queda ansiosa para hablar también. Maria Regina de Paula, 58 años, es conocida como la hija de Dueña Geralda. Es una mujer grande, tiene una carcajada alta, fluida y fácil. La piel es negra, con pequeñas marcas del tiempo, y el pelo alisado suele estar atado. Existe un optimismo muy assertivo en la manera como saluda a la gente. Cuando cuenta historias, sube el volumen de la voz,

*pero es de timbre grabe.*

*Es natural de Itajubá, Minas Gerais, una ciudad con poco más de 90 mil habitantes, donde un tercio de la población vive con renta igual o inferior a medio salario mínimo. En el grupo, es la única que no ha nacido en la zona oeste de Rio – y también la única soltera.*

*La mayor de cinco hermanos – uno de ellos es hijo de otra madre –, Maria Regina ha venido a vivir en Rio a los 22 años, para buscar trabajo. La madre ya vivía en la capital carioca hacía mucho tiempo, y enviaba dinero para que ella y sus hermanos pagasen un sitio para vivir y garantizar alguna comida en el mercado. Las hijas y hijos de Geralda vivieron sin adultos en casa durante un buen parte de la niñez. Cuando Geralda vino a trabajar en la zona oeste, el padre de Regina ya había salido de escena.*

*A los 10 años, Regina era la mayor persona en la casa, que compartía con tres otros niños – y no quería ver a ninguno volverse bandido. Los cuatro hermanos fueron elegir un sitio para alquilar todos juntos – era una escalerita: 10, 8, 6 y 4 años. Contando esta parte de la vida, Regina se acuerda:*

*- La mujer dueña de la casa nos miró delante suyo: ¡eran todos pequeños! Así que ella reordenó toda la casa antes que nos moviéramos.*

*A los 17 años, empezó a trabajar fuera, en casa de familia. Ayudó a pagar el curso preparatorio para la universidad de todos los hermanos, pero ella misma solo hizo el “primer grado” – o sea, lo que hoy sería el noveno año. Su memoria más feliz es antes de los 10, cuando vivía con su abuela.*

*- No tenía nada que hacer todo el día. Había un árbol de guayaba en la orilla del trillo del tren, a mí me gustaba estar arriba de ello por mucho tiempo. Cuando el tren se acercaba, yo bajaba y pegaba el oído al suelo, para escuchar el ruido. El tren llevaba los operarios para la Imbel<sup>1</sup>. Mi padre era uno de ellos.*

*En la zona oeste, vivió en muchos sitios antes de*

para morar e garantir alguma comida no mercado. As filhas e filhos da Geralda viveram sem adultos em casa durante boa parte da infância. Quando Geralda veio trabalhar na Zona Oeste, o pai da Regina já havia saído de cena.

Aos 10 anos, Regina era a pessoa mais velha debaixo do teto, que dividia com três outras crianças – e não queria ver nenhuma delas virar bandido. Os quatro irmãos foram escolher um lugar para alugar todos juntos – era uma escadinha: 10, 8, 6 e 4 anos. Contando essa parte da vida, Regina lembra:

– A mulher dona da casa olhou a gente na frente dela: era todo mundo pequeno! Aí ela arrumou a casa inteira antes da gente se mudar.

Aos 17 anos, começou a trabalhar para fora, em casa de família. Ajudou a pagar o cursinho dos irmãos todos, mas ela mesma só fez até “o primeiro grau” – ou seja, até o nono ano de hoje em dia. A memória mais feliz dela é de antes dos 10 anos, quando morava com a avó:

– Eu não tinha o que fazer o dia inteiro. Tinha uma goiabeira na beira do trilho do trem, eu adorava ficar trepada nela um tempão. Quando o trem chegava perto, eu descia e colava o ouvido no chão, ficava escutando aquele barulho. O trem levava os operários para a Imbel<sup>1</sup>. Meu pai era um deles.

Na Zona Oeste, ela viveu em muitos lugares antes de parar em Santa Cruz. Aos 32 anos, juntou-se com a mãe para comprar a casa da Rua 12, onde vive até hoje. Geralda se foi há dois anos e meio. Regina nunca casou nem teve filho, embora tenha namorado bastante. Aconteceu que, quando a mãe ficou mais velha, ela não fez mais caso de homem e quis dedicar todo o seu tempo a “levar Geralda para passear”.

Da sala da Regina Aparecida pulam as histórias mais cabeludas e as gargalhadas mais altas. Não É fácil mediar a vez de fala, porque todo mundo tem muita vontade de colocar na mesa as vivências. A

mais calada É a Tânia Maria dos Santos Rodrigues, 57 anos. Sentada no canto do sofá mais perto da porta, ela segura uma bolsa-carteira no próprio colo com as duas mãos. Ouve com muita atenção as conversas das outras mulheres e espera uma pergunta direcionada a ela para se mostrar. Ela participou de algumas reuniões de moradores, sempre convidada pela Rosimeri e pela Regina Aparecida, mas nunca foi das mais assíduas.

Tânia é uma dona de casa nascida e criada em Nilópolis. Só se mudou para Santa Cruz depois de casada. Quando era criança, gostava de brincar de bola de gude, mas parou porque diziam que era coisa de menino. Trabalhou de babá na adolescência e também de vendedora. Tinha uma colega cuja mãe costureira vendia para fora. Então elas iam de porta em porta oferecer as confecções. E, no mais, já gostou muito de Santa Cruz, mas hoje quer muito se mudar, porque o bairro acabou com a saúde dela.

“Eu comecei a ficar muito doente com esse pó que tem aqui. Eu sinto muita dor no peito e tenho bronquite, sinusite desde 2010. Isso foi me entristecendo de viver no bairro. Os médicos não sabem o que fazer, porque, enquanto eu estou tomando a medicação, eu estou bem. Quando acaba, volta tudo” – relata Tânia. E complementa: – Eu não teria por que ter nada contra morar aqui. Tenho amigos na vizinhança, na igreja, mas sem saúde não dá.

A vizinha dela, a Regina Aparecida, mesmo nascida e criada no bairro, também quer ir embora, mas não é só por causa do pó:

– Quando eu era criança, minha mãe pegava um cobertor e levava a gente para o Centro de Santa Cruz no carnaval para a gente ver os blocos passarem. Hoje em dia você vai no Centro e é ambulante em todo canto, gente gritando. Eu não sou mais satisfeita aqui. Eu queria um lugar mais calmo, como era antes, com plantação e cadeira na calçada.

*irse a Santa Cruz. A los 32 años, se juntó con su madre para comprar la casa de la calle 12, donde vive hasta hoy. Geralda se fue hace dos años y medio. Regina nunca casó ni tuvo hijos, aunque haya tenido muchos novios. Lo que pasa es que, cuando la madre se puso mayor, no quiso más saber de hombre y decidió dedicar todo su tiempo a “llevar Geralda a pasear”.*

*Del salón de Regina Aparecida saltan las historias más locas y las carcajadas más altas. No es fácil mediar el habla, porque todas tienen muchas ganas de exponer sus vivencias. La más quieta es Tania Maria dos Santos Rodrigues, 57 años. Sentada en el rincón del sillón cerca de la puerta, sujetó la bolsa-cartera en el regazo con sus manos. Escucha con atención a las otras mujeres y espera una pregunta encaminada a ella para exponerse. Participó de algunas reuniones de moradores, invitada por Rosimeri y Regina pero nunca ha sido asidua.*

*Tania es una ama de casa nacida e creada en Nilópolis. Solo mudó para Santa Cruz después de casada. Cuando niña, le gustaba jugar canicas, pero paró porque decían que era cosa de niño. Trabajó de niñera en la adolescencia y también de vendedora. Tenía una amiga, cuya madre costurera vendía para fuera. Las dos iban de puerta en puerta para ofrecer las ropas. Ya le gustó mucho Santa Cruz, pero hoy quiere mudarse porque el barrio acabó con su salud.*

*“Empecé a quedarme muy enferma con este polvo que hay aquí. Hoy siento mucho dolor en el pecho y tengo bronquitis, sinusitis desde el 2010. Eso me fue poniendo triste de vivir en el barrio. Los médicos no saben qué hacer, porque mientras estoy tomando las pastillas, estoy bien. Cuando paro, vuelve todo” – relata Tânia. Y complementa: “yo no tendría porque tener algo contra vivir aquí. Tengo amigos en la vecindad, en la iglesia, pero sin salud no se puede”.*

*Su vecina, Regina Aparecida, aunque nacida y creada en el barrio, también quiere marcharse, pero no es solo por causa del polvo:*

*- Cuando niña, mi madre cogía una cubierta*

Rosimeri é uma das autoras das 238 ações de reparação que tramitam na Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro contra a Ternium Brasil. // Rosimeri es una de las autoras de los 238 recursos de reparación judicial que tramitan en la Defensoría Pública del Estado de Río de Janeiro contra Ternium Brasil.



Já Rosimeri não quer ir embora, mas quer uma solução para os problemas de saúde.

- O pó lá em casa cai todo dia. Eu conheci a Tânia antes de ela ter os problemas de saúde dela, mas, a partir da sinusite, a gente se aproximou mais, e eu comecei a chamá-la para as reuniões com outros moradores, porque eu sabia o que era ficar doente por causa do pó – ela relata. A Abençoada incha o rosto inteiro de inflamação e alergia. No começo da operação da siderúrgica, inchava mais e mais vezes, mas hoje ainda inflama. Os ouvidos, os olhos e a cabeça doem. – O Oseas também sente dor na cabeça e nos ouvidos até hoje – complementa Regina Aparecida.

“

O PÓ LÁ EM CASA CAI TODO DIA. EU CONHECI A TÂNIA ANTES DE ELA TER OS PROBLEMAS DE SAÚDE DELA, MAS, A PARTIR DA SINUSITE, A GENTE SE APROXIMOU MAIS, E EU COMECEI A CHAMÁ-LA PARA AS REUNIÕES COM OUTROS MORADORES, PORQUE EU SABIA O QUE ERA FICAR DOENTE POR CAUSA DO PÓ.

//EL POLVO SE CAE EN CASA TODOS LOS DÍAS. CONOCÍ A TANIA ANTES DE TENER PROBLEMAS DE SALUD, PERO, DESDE SU SINUSITIS, NOS ACERCAMOS MÁS Y EMPECÉ A LLAMARLA PARA LAS REUNIONES CON OTROS MORADORES, PORQUE SABÍA LO QUE ERA ESTAR ENFERMO POR EL POLVO.

– Aqui é muito bom, São Fernando, onde eu moro. Tem tudo, poucas vezes eu preciso ir no Centro de Santa Cruz. Eu quero continuar aqui, é onde eu tenho minha casa que é minha. E tem jovem que vive aqui e faz faculdade na Uerj, acorda quatro horas da manhã e tá feliz da vida – fala a filha da Geralda.

A rua dela foi completamente alagada inúmeras vezes desde quando, em 2006, a antiga TKCSA mudou o curso do canal São Fernando, para ele não passar mais pelo terreno onde ela hoje opera. –

y nos llevaba para al centro de Santa Cruz en carnaavales para mirar las paradas. Hoy en día, si vas al centro, hay vendedores ambulantes por todos lados, gente chillando. No estoy más satisfecha acá. Me gustaría un lugar más calmo, como era antes, con plantación y silla en la acera.

Ya Rosimeri no quiere irse, pero desea una solución para los problemas de salud.

- El polvo se cae en casa todos los días. Conocí a Tania antes de tener problemas de salud, pero, desde su sinusitis, nos acercamos más y empecé a llamarla para las reuniones con otros moradores, porque sabía lo que era estar enfermo por el polvo – relata.

Bendecida hincha el rostro de inflamación y alergia. Al principio del funcionamiento de la siderúrgica, hinchaba más y más, pero hoy en día aun inflama. Me duelen los oídos, ojos y cabeza. – A Oseas también le duele la cabeza hasta hoy – complementa Regina.

- Acá es muy bueno, São Fernando, donde vivo. Hay todo, pocas veces necesito ir al centro de Santa Cruz. Quiero seguir aquí, es donde tengo la casa que es mía. Hay jóvenes que viven aquí y estudian en la

*universidad estadual, despiertan a las cuatro de la mañana, pero están muy contentos – dice la hija de Geralda.*

*Su calle fue completamente inundada muchas veces desde cuando, en el 2006, la antigua TKCSA mudó el curso del canal São Francisco, para que no pasara por el terreno donde hoy funciona. – Ahora, eso de la salud es verdad. Un chico lindo de mi calle, todos le llamaban Bello, empezó a ponerse muy enfermo también a la época que ellos [la siderúrgica] empezaron a quemar hierro – complementa.*

*- Ah, mi hijo trabaja allá [en la siderúrgica]. Yo perdí una maquina solo lavando su ropa después del trabajo – dice Tania. Rosi gesticula con la cabeza y dice que su hijo también es funcionario de la siderúrgica y vuelve a la casa negro, él y su ropa.*

*- Yo quería que esa empresa nos tratase con respeto. – dice Maria Regina, y otras contestan con gestos y palabras de apoyo. Regina Aparecida se queda indignada com a propaganda corporativa:*

*¡Su periódico corporativo dice que la salud en Santa Cruz es diez! ¡Dios, eso es un absurdo! Ese periódico esta en todo lugar que voy.*

*Rosi se queja del escarnio:*

*- Se ríen de nosotras. Vas a un puesto de salud y los médicos dicen que no pueden escribir que la causa de la alergia es el polvo. Así, ¿cómo vamos a probar? – pregunta.*

*Después de una vida madurada muy temprano y de las contingencias tan comunes entre ellas, que las llevaron al trabajo doméstico en la casa de otros como modo de vida en por lo menos un momento de la vida, esas cuatro mujeres tienen una casa para llamar suya y piden respeto. Respeto al lugar que eligieron vivir. Respeto por haber llegado primero. Y por no les parecer justo que sean echadas y desacreditadas en sus denuncias.*

*- Es el mínimo – sentencia Rosi.*

Agora, isso da saúde existe mesmo. Um menino lindo da minha rua, todo mundo chamava ele de Belo, começou a ficar muito doente também na época que eles [da siderúrgica] começaram a queimar o ferro – complementa.

– Ah, meu filho trabalha lá dentro [da siderúrgica]. Eu perdi uma máquina só lavando a roupa dele depois do serviço – diz a Tânia. Rosi acena com a cabeça, e diz que o filho dela também é funcionário da siderúrgica e volta para casa preto, ele e a roupa.

– Eu queria que essa empresa tratasse a gente com respeito – diz Maria Regina, e as outras respondem com acenos e palavras de apoio. Regina Aparecida fica indignada com a propaganda corporativa:

– O jornalzinho deles diz que a saúde de Santa Cruz é dez! Gente, isso é um absurdo! Por onde eu ando, esse jornal está.

Rosi reclama do deboche:

– Eles riem da gente. Você vai no posto e os médicos dizem que não podem escrever a causa da alergia como sendo o pó. Então como vamos provar? – questiona.

Depois de uma vida amadurecida muito cedo e de contingências tão comuns entre elas, que as levaram ao trabalho doméstico na casa dos outros como modo de vida em pelo menos um momento da vida, essas quatro mulheres têm uma casa para chamar de sua e pedem respeito. Respeito ao lugar que escolheram para viver. Respeito por terem chegado primeiro. E por não acharem justo serem expulsas e desacreditadas nas suas denúncias.

– É o mínimo, sentencia Rosi.



////// ARTIGO.ARTÍCULO

# **Sobre tainhas, movimento e resistência: As subjetividades “atingidas”<sup>1</sup>**

Sobre salmonetes,  
movimiento y resistencia:  
Las subjetividades “impactadas”<sup>1</sup>

**Quem tem consciência para ter coragem.  
Quem tem a força de saber que existe.  
E no centro da própria engrenagem  
Inventa a contramola que resiste.**

(João Ricardo & João Apolinário)

**F**ueron cuatro los encuentros. Cuatro viajes para una parte de la ciudad de Rio de Janeiro olvidada por la prensa en favor de los postales de la zona sur, pero bastante valorada por sus moradores y por el capital. Esta ciudad, especialmente conocida por las bellezas y por la modernidad urbana, parece ser otra cuando los números de las pasarelas de la Avenida Brasil aumentan y la avenida misma deja de existir. Fue así como llegamos a Santa Cruz para escuchar aquellas y aquellos que pueden decir sobre lo que es tener un megaproyecto como vecino.

Recibidas con cierto recelo, ansiedad y mucha acogida, fuimos llegando a cada residencia y espacio que ayuda a componer aquel barrio: un museo ecológico exuberante y vacío y las casas, con olor a café y patio. Las vidas, de las más diversas, se encuentran en un barrio que aún tiene un ambiente rural, de ciudad pequeña, a pesar de sufrir profundamente con las peores faces del desarrollo y de la deseada modernidad.

Los diversos modos de ser y estar en el mundo, las distintas subjetividades son construidas a lo largo de toda la vida de un individuo, siempre en relación con el ambiente, transformándolo y siendo cambiado por

**F**oram quatro encontros. Quatro viagens para uma parte da cidade do Rio de Janeiro esquecida pela mídia em prol dos cartões postais da Zona Sul, mas bastante valorizada por seus moradores e pelo capital. Essa cidade, notadamente conhecida pelas belezas e pela modernidade urbana, parece ser outra quando os números das passarelas da Avenida Brasil vão aumentando e a avenida deixa de existir. Foi assim que chegamos a Santa Cruz para escutar aquelas e aqueles que podem dizer sobre o que é ter um megaprojeto como vizinho.

Recebidas com certo receio, ansiedade e muita acolhida, fomos chegando em cada residência e espaço que ajuda a compor aquele bairro: um Ecomuseu exuberante e vazio e as casas, com cheiro de café e quintal. As vidas, das mais diversas, se encontram num bairro que ainda carrega um clima rural, de cidade pequena, apesar de sofrer profundamente com as piores faces do desenvolvimento e da ambicionada modernidade.

Os diversos modos de ser e estar no mundo, as diversas subjetividades são construídas ao longo de toda a vida do indivíduo, sempre em relação com o ambiente, sempre modificando e sendo modificados. Nesse sentido, ao contrário do que é comumente compreendido, parte importante do campo teórico da Psicologia Social entende o conceito de subjetividade

como algo construído, desessencializado e coletivo. Por esse ângulo, a subjetividade não se reduz a uma dimensão psicológica interiorizada, isolada, mas se localiza num contexto mais amplo (Coimbra & Nascimento, 2005). Dessa forma, não nascemos com uma essência imutável, mas vamos nos transformando e transformando os lugares onde estamos durante toda a existência. As mudanças e as formas de existir na família, no bairro, na cidade em que vivemos constituem também nossa subjetividade.

O espaço nos constrói e construímos o espaço. A relação dialética da mulher e do homem com a terra e o território também produz outras subjetividades. Para os demais moradores do Rio de Janeiro, por exemplo, Santa Cruz pode ser caracterizada como um lugar de difícil acesso, perigoso, com escassez de políticas e lazer. Porém, ao construir este livro, nos deparamos com outra narrativa. Depoimentos que falam sobre o amor ao bairro, a sensação de segurança de quem chega da faculdade à noite e, quando sabe que está em Santa Cruz, pensa “Ufa, cheguei em casa, agora tô segura”: são só uma amostra do quão diversa é a relação do ser humano com sua terra e com o lugar a que pertence.

Essas e outras frases nos falam sobre um universo coletivo e compartilhado pelas diferentes vidas ali criadas. As diversas memórias de uma infância tranquila e das mudanças provocadas por uma empresa que não pediu licença para invadir as casas e vidas dos e das moradoras nos fizeram entender que aquilo que denominamos “bairro” ou “território” é na realidade muito mais: é o lar e a vida dessas pessoas. E, nessa perspectiva, percebemos que a modificação severa de um lugar pode de fato modificar a vida não só prática, mas também emocional de seus habitantes.

A juventude que vai para a universidade e deseja voltar para onde veio; as mulheres “comuns”, donas de histórias tão próprias da pobreza e da negritude brasileiras; as mulheres jovens que encaram, a espelho de suas mães, as dificuldades de ser mulher e militante nesse mundo; e os pescadores, com sua vida pautada no mar e em seus frutos. Todas essas formas

*él. En este sentido, al revés de lo que es comúnmente comprendido, parte importante del campo teórico de la Psicología Social entiende el concepto de subjetividad como algo construido, no esenciado y colectivo. Bajo este punto de vista, la subjetividad no se reduce a una dimensión psicológica interiorizada, aislada, pero se ubica en un contexto más amplio (Coimbra & Nascimento, 2005). Así, no nacimos con una esencia inmutable, pero vamos transformándonos y transformando a los sitios donde estamos durante toda nuestra existencia. Los cambios y las maneras de existir en la familia, en el barrio, en la ciudad que vivimos también construye nuestra subjetividad.*

*El espacio nos construye y nosotros construimos el espacio. La relación dialéctica de la mujer y el hombre con la tierra y el territorio también produce otras subjetividades. Para los demás moradores de Rio de Janeiro, por ejemplo, Santa Cruz puede ser caracterizado como un lugar de difícil acceso, peligroso, con escasez de políticas y ocio. Pero haciendo este libro, nos encontramos con otra narrativa. Declaraciones acerca el amor al barrio, la sensación de seguridad de quien llega de la facultad por la noche y, cuando sabe que está en Santa Cruz, piensa “Ah, llegué a casa, ahora estoy segura”: son solo un ejemplo de lo cuan diversa es la relación del ser humano con su tierra y con el lugar a que pertenece.*

*Esas y otras frases nos hablan de un universo colectivo y compartido por las diferentes vidas allí creadas. Las distintas memorias de una niñez tranquila y de los cambios provocados por una empresa que no pidió permiso para adentrar a las casas y las vidas de los y las habitantes, nos hicieron comprender que aquello que denominamos “barrio” o “territorio” es en realidad mucho más: es el hogar y la vida de esas personas. Y, bajo esta perspectiva, nos dimos cuenta de que la transformación severa de un lugar puede de hecho cambiar la vida no solo práctica, pero también emocional de sus habitantes.*

*Los jóvenes que van para la universidad y desean volver para el lugar de donde han venido; las mujeres “comunes”, dueñas de historias tan propias de la pobreza y de la negritud brasileñas; las mujeres jóvenes que encaran, a espejo de sus*

*madres, las dificultades de ser mujer y militante en este mundo; y los pescadores, con su vida orientada por el mar y por sus frutos. Todas estas formas de ser y estar en el mundo sufren algún tipo de impacto en la salud, entendida no solamente como el contrario de enfermedad, pero como “un estado de completo bienestar físico, social y mental”, como define la Organización Mundial de la Salud (OMS, 1946). De esta manera, las condiciones que ofrecen soporte para una vida sana – en el sentido amplio del término – también son parte de la construcción de la subjetividad humana.*

*Las percepciones de si y del mundo, la relación con el trabajo, con los vecinos, con la perspectiva de futuro. Todas esas dimensiones de la vida humana son atravesadas – o sea – impactadas por la entrada y permanencia de una industria siderúrgica y del entorno infraestructural que la acompaña. Además de la ocupación del territorio, tal estructura puede generar la perdida de un pariente para el cáncer; puede aumentar la cantidad de veces que se limpia la casa por el polvo tóxico; puede acrecer idas al puesto medico por las alergias respiratorias, problemas de piel o sufrimiento psíquico. O sea, ese cambio brusco en el territorio genera transformación igualmente significativa no solo en la vida práctica de la población vecina, pero en la salud mental, en la vida emocional de esta población. Hay cierta tristeza en el aire cuando la charla se va acercando al tema de la Compañía Siderúrgica del Atlántico (CSA). Las sonrisas presentes al recordarse de la niñez y la juventud, dan sitio a la tristeza cuando hablan del presente.*

*Esas subjetividades en movimiento se encuentran al sufrir impactos de un modelo de desarrollo desigual e injusto, que desapropia simbólicamente a las personas de su territorio – antes colectivo y compartido – y lo transforma en una mercaduría, que es individualizada una vez que tiene dueño. Cuando una pescadora dice que el mar es del pescador y justo después dice que no puede más vivir de la pesca, su vida, de cierta manera, fue expropriada. La construcción de su identidad está directamente conectada al mar y al trabajo que se produce a través de ello. Si ese trabajo ya no existe, además de la subsistencia material, parte de su*

de ser e estar no mundo sofrem algum tipo de impacto em sua saúde, entendida não como o contrário de doença, mas como “um estado de completo bem estar físico, social e mental”, como define a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946). Dessa maneira, as condições de vida que trazem suporte para uma existência saudável – no sentido amplo do termo – também fazem parte da construção da subjetividade humana.

As percepções de si e do mundo, a relação com o trabalho, com os vizinhos, com a perspectiva de futuro. Todas essas dimensões da vida humana são atravessadas – ou seja, atingidas – pela entrada e permanência de uma siderúrgica e de um entorno infraestrutural que a acompanha. Para além da ocupação do território, tal estrutura pode gerar perda de um ente querido para o câncer; pode aumentar a quantidade de vezes que se limpa a casa por causa da poeira tóxica; pode acrescer idas aos postos médicos por causa das alergias respiratórias, problemas de pele ou sofrimento psíquico. Ou seja, essa mudança brusca no território gera mudança igualmente significativa não só na vida prática da população vizinha, mas na saúde mental, na vida emocional dessa população. Uma certa tristeza paira no ar quando a conversa vai se desenrolando para o tema da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA). Os sorrisos presentes ao se lembrar da infância e juventude logo dão lugar à tristeza ao se falar do presente.

Essas subjetividades em movimento se encontram ao sofrerem os impactos de um modelo de desenvolvimento desigual e injusto, que desapropria simbolicamente as pessoas de seu território – antes coletivo e partilhado – e o transforma em uma mercadoria, que é individualizada porque tem um dono. Quando uma pescadora fala que o mar é do pescador e em seguida diz que não consegue mais viver bem da pesca, sua vida, de certa forma, foi expropriada. A construção de sua identidade está diretamente ligada ao mar e ao trabalho que produz a partir dele. Se esse trabalho já não existe, além da subsistência material, parte de sua identidade

fica perdida; seu lugar no mundo permanece de certa forma confuso. Muitas vezes, isso pode causar adoecimento psíquico – como depressão – e até doenças físicas – que podem ser psicossomáticas, ou seja, resultado de uma dor psíquica, fruto de questões de fundo emocional.

O impacto desse empreendimento também pode se dar na relação entre vizinhos – questão estrutural na vida de um bairro e, por isso, na subjetividade de seus moradores. Ao dividir suas opiniões acerca dos benefícios ou não do estabelecimento da siderúrgica no bairro, e ao surgirem grupos organizados que defendem uma ou outra opinião, os conflitos entre os moradores se acirram. Esse elemento sutil pode contribuir para uma nova forma de relação com o próprio bairro e com a casa, pois essas pessoas não

*identidad se queda perdida; su lugar en el mundo se queda, de cierta manera, confuso. Muchas veces, eso puede causar el adolecer psíquico – como depresión – y hasta enfermedades físicas – que pueden ser psicossomáticas, o sea, resultado de un dolor psíquico, fruto de cuestiones de fondo emocional.*

*El impacto de este proyecto también puede darse en la relación entre vecinos – cuestión estructural en la vida de un barrio y, por eso, en la subjetividad de sus habitantes. Al compartir sus opiniones sobre las consecuencias del establecimiento de la siderúrgica en el barrio, y al establecimiento de grupos organizados con opiniones distintas, los conflictos entre moradores son estimulados. Ese elemento sutil puede contribuir para una nueva forma de relación con el propio barrio y con la casa, ya que esas personas no están solamente en el territorio, pero piensan activamente sobre el y*

somente estão no território, mas pensam ativamente sobre ele e atuam em prol de uma mudança coletiva significativa. Além disso, ao lutar contra os impactos negativos da empresa, esse grupo de pessoas se coloca de forma diferente na vida: se torna militante de uma causa e modifica profundamente sua relação com o mundo. Isso transforma sua subjetividade, sua forma de olhar as questões que atingem sua própria vida e seu entorno.

Existem gerações diferentes impactadas pelas mudanças ocasionadas pelos megaprojetos de desenvolvimento sobre o território. As jovens que integram o coletivo Martha Trindade demonstram como esses impactos, que sentiram desde a infância, as tornaram hoje militantes e defensoras do seu lugar. Lembranças do início da agitação do bairro, da inauguração da siderúrgica, dos parentes que trabalham ou trabalharam nas indústrias ali

*actúan en favor de un cambio colectivo significativo. Además, al luchar en contra de los impactos negativos de la empresa, ese grupo de personas se expone de manera distinta en la vida: se vuelve militante de una causa y modifica profundamente su relación con el mundo. Eso transforma su subjetividad, su manera de mirar las cuestiones que afectan su propia vida y su entorno.*

*Distintas generaciones de personas son impactadas por los cambios ocasionados por los megaproyectos de desarrollo sobre el territorio. Las jóvenes que integran el colectivo Martha Trindade muestran como esos impactos, que sintieron desde la niñez, las volvieron hoy militantes y defensoras del lugar. Recuerdos del inicio de la movida en el barrio, de la inauguración de la siderúrgica, de los parientes que trabajan o trabajaron en las industrias allá instaladas, de los cambios en el tránsito y en el aire. La experiencia objetiva de estas jóvenes, también atravesada por la investigación de la calidad del aire, realizada colectivamente, seguro se volvió un trazo distintivo de su historia individual y de la*

*construcción de su subjetividad. Mismo con el inicio de una vida profesional y estudiantil fuera del barrio, es en Santa Cruz que ellas se sienten en casa y es por Santa Cruz que ellas se reúnen y dan sentido a la lucha colectiva.*

*Esas jóvenes también son fruto de luchas que vinieron antes de ellas. Al hablar con las mujeres mayores, tuvimos la oportunidad de escuchar historias de vida y de lucha, y sentir su resonar tanto en la construcción de la historia del país – de la esclavitud a la lucha por los derechos más básicos – quanto en los frutos que ellas mismas produjeron en sus hijas y en su entorno. Son alegres guerreras que, al mismo tiempo en que cargan ganas y fortaleza, llevan consigo una levedad y sagacidad que puede justificar*

instaladas, das modificações no trânsito e no ar. A experiência objetiva dessa juventude, também atravessada pela pesquisa realizada coletivamente analisando a qualidade do ar, certamente se tornou um traço marcante de sua história individual e da construção de sua subjetividade. Mesmo com o início de uma vida profissional e estudantil fora do bairro, é em Santa Cruz que elas se sentem em casa e é por Santa Cruz que elas se reúnem e dão sentido à luta coletiva.

Essas jovens também são fruto de lutas que vieram antes delas. Ao conversar com as mulheres

*el aún estar de pie y luchando. El machismo cotidiano también es una tónica de la conversa, pero que a lo largo del tiempo va siendo modificado con la lucha diaria y muchas veces inconsciente de las mujeres: ellas generan no solo otros hijos, pero otros destinos y quereres, otra sociedad posible.*

*De la geografía fundada en la vida de las personas, nació la necesidad de construir una cartografía que, a su vez, ayudó a generar encuentros potentes entre los caminos de otras mujeres. Produciendo saberes y luchando para que ellos sean socializados – sea como docentes, sea en cualquier otro tipo de trabajo –, ese grupo de mujeres carga una (con) ciencia de su historia. Su momento de intersección tiene que ver con lo que absorbieron del pasado, con las oportunidades que tuvieron cuando jóvenes y con la nitidez de una visión ampliada de futuro. Son, ellas mismas, constructoras y ingenieras de su presente y su porvenir. Y entienden que la construcción solo es posible en grupo, en la colectividad. El autocuidado y la mirada para si se quedaron patentes en la conversa, tal cual la búsqueda por una conexión de lo que sería “interno” y “externo” a si propias. Así, es perceptible la unión de la búsqueda por igualdad y*

mais velhas, tivemos a oportunidade de escutar histórias de vida e luta, e sentir seu ressoar tanto na construção da história do país – da escravidão à luta pelos direitos mais básicos – quanto nos frutos que elas próprias produziram em suas filhas e em seu entorno. São alegres guerreiras que, ao mesmo tempo em que carregam gana e fortaleza, levam consigo uma leveza e sagacidade que pode justificar o porquê de estarem ainda de pé e lutando. O machismo cotidiano também é uma tônica da conversa, mas que ao longo do tempo vai sendo modificado com a luta diária e muitas vezes inconsciente das mulheres: elas geram não só outros filhos, mas outros destinos e quereres, outra sociedade possível.

Da geografia fundada na vida das pessoas, nasceu a necessidade de construir uma cartografia, que por sua vez ajudou a gerar encontros potentes entre os caminhos de outras mulheres. Produzindo saberes e batalhando para que eles sejam socializados – seja como docentes, seja em qualquer outro tipo de trabalho –, esse grupo de mulheres carrega uma (cons) ciência de sua história. Seu momento de interseção

tem a ver com o que absorveram de seu passado, com as oportunidades que tiveram enquanto jovens e com a nitidez de uma visão ampliada de futuro. São, elas mesmas, construtoras e engenheiras de seu presente e seu porvir. E entendem que a construção só é possível em grupo, na coletividade. O autocuidado e o olhar para si ficaram patentes na conversa, bem como a procura por uma conexão evidente do que seria “interno” e “externo” a si próprias. Dessa forma, é perceptível a conjugação da busca por igualdade e reconhecimento de seu povo e território com a busca por uma vida mais sensível, em que o cuidado e a valorização do outro e de si também sejam parte de um novo mundo.

Ao conversar com aqueles que têm o mar e o rio como importantes condutores da vida, aprendemos que a tainha é o peixe do movimento: aquele que viaja por muitos quilômetros, sendo encontrado até o Sul do nosso continente. Foi dessa forma, numa dinâmica de apresentação, que fomos percebendo como um pescador enxerga o outro: um é a tainha porque “está sempre na política, sempre se movimentando”; outro é o robalo porque é muito valoroso e importante para os outros; outra é a piraúna, mais rara, como é seu exemplo para os outros ao conseguir se aposentar como pescadora. A vida do pescado produz uma enormidade de histórias, porque uma certa ideia de aventura se mistura ao trabalho árduo. Os pescadores demonstram orgulho de seu trabalho e, ao se lembrarem de como começaram suas vidas, se enchem de alegria. As histórias no mangue, pegando frutos para comer no meio do dia, e a rica diversidade desse habitat enchem de sorrisos os rostos do coletivo, queimados pelo sol.

Porém, ao mesmo passo que vem a lembrança, vem o desencanto com a escassez da pesca e da diversidade de frutos e pescados. O trabalho, antes realizado em horas, demora agora alguns dias para ter o mesmo resultado. O orgulho da pesca se transforma em angústia por não poder continuar vivendo do próprio trabalho. O que antes era um traço fundamental da vida e da personalidade daquelas pessoas hoje

*reconocimiento de su pueblo y territorio, con la búsqueda por una vida más sensible, en la cual el cuidado y la valoración del otro y de si mismas sea parte de un nuevo mundo.*

*Al hablar con los que tienen el mar y el río como importantes conductores de la vida, aprendemos que el salmonete es el pescado del movimiento: aquel que viaja por muchos kilómetros, siendo encontrado hasta en el sur de nuestro continente. Fue así, en una dinámica de presentación, que fuimos percibiendo como un pescador ve al otro: uno es el salmonete porque “está siempre en la política, siempre se moviéndose”; otro es el rodaballo porque es muy valeroso e importante para los otros; otra es la piraúna, más rara, como es su ejemplo para los demás por haber conseguido jubilarse como pescadora. La vida del pescado produce una enormidad de historias, porque una cierta idea de aventura se mezcla al trabajo duro. Los pescadores demuestran orgullo de su trabajo y, al se recordaren de como empezaron sus vidas, se llenan de alegría. Las historias en el manglar, cogiendo frutos para comer al mediodía, y la rica diversidad de este hábitat llenan de sonrisas los rostros quemados por el sol.*

*Pero, al mismo paso vienen los recuerdos, viene el desencanto con la escasez de la pesca y de la diversidad de frutos y pescados. El trabajo, antes realizado en horas, tarda ahora algunos días para alcanzar al mismo resultado. El orgullo de la pesca se transforma en angustia por no poder seguir viviendo de su propio trabajo. Lo que antes era un aspecto fundamental de la vida y de la personalidad de las personas hoy se transforma en preocupación. El deseo de volver al pasado – de cierta manera romántizado – tal vez sea la marca humana de varios momentos de la historia, aun más en aquellos de mayor crisis económica y política como lo que estamos viviendo. La diferencia de estas personas es que ellas también respiran – literalmente – este impacto.*

*Las vidas impactadas son también encuentros*

*generacionales. Comunión de generaciones que, siempre en movimiento, son impactadas e infieren en la vida de tantas otras. ¡Y de las que vendrán! Si algunos mayores creen que no van a estar vivos para ver a su barrio volver a lo que era, las personas que están naciendo y creciendo en él pueden vivir en la tierra que sus antepasados trabajaron. Viviendo su legado, también pueden ser activos en la transformación de su lugar. Lo que une a esos distintos grupos, formados por personas tan diferentes, no es solamente su territorio y la lucha por vida digna y justicia social, pero el hecho de que fueron invadidos por el mismo polvo y cemento y por eso no les parece natural.*

*Esa memoria y subjetividad colectivas son acuñadas por el dolor, por la indignación, por la enfermedad, por la esperanza y, sobretodo, por el movimiento. Es el salmonete que viaja. Es el muro de la casa erguido con mucho orgullo por su moradora. Es la frase repetida: "soy solo yo y mi madre". Son los deseos de mantener viva a la historia que hizo de aquel lugar lo que es hoy. Es como una de las mujeres anunció:*

*- A pesar de toda negación, seguimos viviendo todos los días.*

se transforma em preocupação. O desejo de uma volta ao passado – de certa forma romantizado – talvez seja uma marca humana de vários momentos da história, mais ainda naqueles de maior crise econômica e política como o que estamos vivendo. A diferença dessas pessoas é que elas também respiram – literalmente – esse impacto.

As vidas atingidas são também encontros geracionais. Comunhão de gerações que, sempre em movimento, são atingidas e inferem na vida de tantas outras. E das que virão! Se alguns mais velhos acreditam que não estarão vivos pra ver seu bairro voltar a ser o que era, as pessoas que estão crescendo e nascendo nele podem viver na terra que seus antepassados trabalharam. Vivendo seu legado, também podem ser atores ativos na transformação do seu lugar. O que une esses diversos grupos, formados por pessoas tão diferentes, não é somente seu território e a luta pela vida digna e a justiça social, mas o fato de terem sido invadidos pela mesma poeira e cimento e não acharem que isso é natural.

Essa memória e subjetividade coletivas são cunhadas pela dor, pela indignação, pela doença, pela esperança e, principalmente, pelo movimento. É a tainha que viaja. É o muro da casa erguido com muito orgulho por sua moradora. É a frase repetida: “sou só eu e minha mãe”. São os desejos de manter viva a história que fez daquele lugar o que ele é hoje. É como uma das mulheres anunciou:

*- A despeito de toda negação, estamos vivendo todos os dias.*

*Ana Marcela Terra*

Militante de direitos humanos, psicóloga, mestre em Psicologia Social e doutoranda em políticas públicas e formação humana

*Militante de los derechos humanos, psicóloga, Máster en Psicología Social y doctoranda en Políticas Públicas y formación humana*



# notas

## **Apresentação // Presentación**

**1** BRUM, Eliane. Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo, 2014.

**2** Acesse e baixe gratuitamente todo o material em <http://biblioteca.pacs.org.br> // Acceda y baje gratuitamente todo el material en <http://biblioteca.pacs.org.br>

## **Corpos-movimento: produzindo vidas de re-existência // Cuerpos-movimiento: produciendo vidas de re-existencia**

**1** Ideias trazidas da leitura do livro *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*, de Judith Butler (Civilização Brasileira, 2018). // Ideas traídas de la lectura del libro *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*, de Judith Butler (Civilização Brasileira, 2018).

**2** Ideias trazidas da leitura e de reflexões coletivas a partir do livro *Necropolítica* de Achille Mbembe (n-1, 2018). // Ideas traídas de la lectura y de las reflexiones colectivas desde el libro *Necropolítica* de Achille Mbembe (n-1, 2018).

**3** Idem, ibidem.

**4** Faço aqui referência a Adolfo Albán Achinte e suas pedagogias de re-existências. // Hago aquí referencia a Adolfo Albán Achinte y sus pedagogías de re-existencias.

**5** Na pesquisa Quintais e usinas, o Instituto PACS identificou os impactos siderúrgicos e a violação de direitos humanos em oito cidades brasileiras atingidas pela cadeia produtiva do aço. A reportagem fruto da pesquisa está disponível em <http://violacoesnasiderurgia.pacs.org.br/> // En la investigación Quintas e usinas, el Instituto PACS identificó los impactos siderúrgicos y la violación de los derechos humanos en ocho ciudades brasileñas atingidas por la cadena productiva del acero. El reportaje fruto de la investigación esta disponible en <http://violacoesnasiderurgia.pacs.org.br/>

**6** Territórios da Zona Oeste do Rio de Janeiro onde

identificamos o avanço do capital e as ameaças às formas de vida tradicional em contextos de conflitos socioambientais de diversos âmbitos. // Territorios de la zona oeste de Rio de Janeiro donde identificamos el avance del capital y las amenazas a las formas de vida tradicional en contextos de conflictos socio ambientales de diversos ámbitos.

**7** Para saber mais: [militiva.org.br](http://militiva.org.br) // Para saber más: [militiva.org.br](http://militiva.org.br)

**8** Quilombo en Brasil es una referencia positiva a los territorios de resistencia del pueblo negro. Quilombo eran aldeas que refugiaban a los esclavos que huían de las haciendas y casas de familia. Los esclavos iban a los quilombos para no ser encontrados, pues donde ellos vivían eran siempre explotados y sufrían malos tratos.

**Até onde a vista alcança é pouco: a história continuada de Dona Martha Trindade // Hasta donde la vista alcanza es poco: la historia continuada de Dueña Martha Trindade**

**1** A área industrial de Santa Cruz apresenta dois importantes polos industriais, o de Paciência e o de Palmares, onde se encontram a Casa da Moeda, a Fábrica Carioca de Catalisadores, a Companhia Siderúrgica da Guanabara, a Valesul Alumínio e a White Martins, dentre outras, conforme identificado em Karina Kato & Sandra Quintela (2012). Companhia Siderúrgica do Atlântico: impactos e irregularidades na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs). // El área industrial de Santa Cruz presenta dos importantes polos industriales, el de Paciência y el de Palmares, donde están la Casa de la Moneda, la Fabrica Carioca de Catalisadores, la Compañía Siderúrgica da Guanabara, la Valesul Aluminio y la White Martins, entre otras, conforme identificado en Karina Kato & Sandra Quintela (2012). Companhia Siderúrgica do Atlântico: impactos e irregularidades na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Públicas para o Cone Sul (Pacs).

**2** Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs); Rede Justiça nos Trilhos; Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

(2017). Vigilância popular em saúde e ambiente em áreas próximas de complexos siderúrgicos. Disponível en: <https://biblioteca.pacs.org.br>

### **As mulheres-vento da Baía de Sepetiba // Las mujeres-viento de la Bahía de Sepetiba**

**1** Proceso colaborativo de acción por una causa común. Ejemplo: mutirão de limpieza de una plaza pública.

### **Sepetiba ou a casa-baía de Kika // Sepetiba o la casa-bahía de Kika**

**1** Nota del traductor: "Tamoios" es el nombre de una de las etnias que ocupaban el territorio desde antes de la llegada de los europeos.

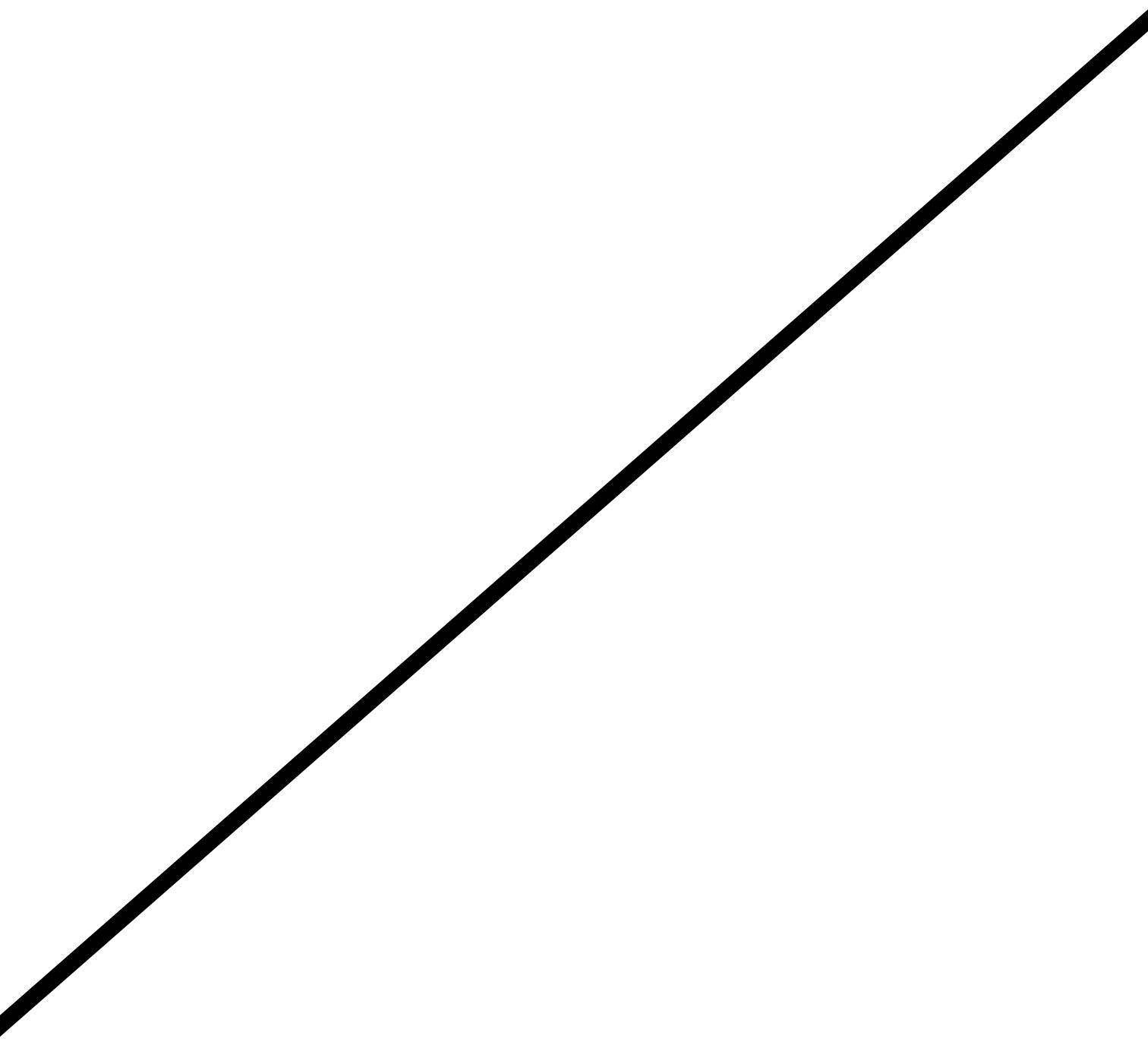
### **Vizinhas de Santa Cruz entre segredos e esquecimentos // Vecinas de Santa Cruz entre secretos y olvidos**

**1** A Indústria de Material Bélico do Brasil (Imbel) é uma estatal vinculada ao Ministério da Defesa, com fábricas em Magé (RJ), Piquete (SP), Itajubá (MG), Juiz de Fora (MG) e Rio de Janeiro (RJ) // La Industria de Material Bélico de Brasil (Imbel) es una estatal vinculada al Ministerio de la Defensa, con fábricas en Magé (RJ), Piquete (SP), Itajubá (MG), Juiz de Fora (MG) y Rio de Janeiro (RJ).

### **Sobre tainhas, movimento e resistência: As subjetividades “atingidas”//Sobre salmonetes, movimiento y resistencia: Las subjetividades “impactadas”**

**1** COIMBRA, C.M.B. & NASCIMENTO, M.L. (2005). Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? Imagens sobre a juventude. Jovenes, Revista de Estudios sobre Juventud 9(22), México, jan.-jun., p. 338-355.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS (1946). Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO). Disponível en: <https://goo.gl/p8F7v8> Acesso em: 23 ago. 2018





### **Anette Carla Alencar**

Anette Carla Alencar é pernambucana, jornalista formada pela Universidade Católica de Pernambuco, feminista, fotógrafa com foco em retrato de atos políticos, projetos e performances que pautam a resistência e luta das mulheres, professora de frevo (dança popular de Pernambuco), produtora e dj da Xépa, festa que une principalmente ritmos de periferia do Norte e Nordeste do Brasil.

*Anette Carla Alencar es pernambucana, periodista formada por Universidad Católica de Pernambuco, feminista, fotógrafa con foco en imágenes de actos políticos, proyectos y performances que pautan la resistencia y lucha de las mujeres. Es además profesora de frevo (danza popular de la provincia de Pernambuco), productora y dj de la Fiesta "Xépa", que presenta ritmos de las periferias del Norte y Nordeste de Brasil.*



### **Lara Moura**

Lara Moura é jornalista e comunicadora popular, mestra em Comunicação e integrante da equipe do Instituto Pacs. Atuou como conselheira no Conselho Nacional de Direitos humanos (2016-2018). Publicou diversos materiais de educação popular com foco em direitos humanos além de reportagens, entrevistas, contos e crônicas. É feminista e defensora da liberdade de expressão e do direito à comunicação.

*Lara Moura es periodista y comunicadora popular, maestra en Comunicación y integrante del equipo del Instituto Pacs. Actuó como consejera en el Consejo Nacional de Derechos Humanos (2016-2018). Publicó diversos materiales de educación popular con foco en derechos humanos además de reportajes, entrevistas, cuentos y crónicas. Es feminista y defensora de la libertad de expresión y del derecho a la comunicación.*



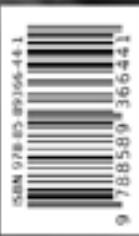
### **Janaína Pinto**

Janaína Pinto é jornalista com foco em empresas violadoras de direitos e populações impactadas. Publicou livro-reportagem sobre a luta popular armada pela pesca artesanal em Icapuí-CE. Redige e edita sobre resistência de mulheres e justiça socioambiental.

*Janaína Pinto es periodista con foco en empresas violadoras de derechos y poblaciones afectadas. Publicó libro-reportaje sobre la lucha popular armada por la pesca artesanal en Icapuí-CE. Escribe y hace editoración de materiales sobre la resistencia de las mujeres y la justicia socioambiental.*

H

á uma teimosia velada no ato de se levantar e inaugurar os dias para mulheres, jovens, pescadoras e pescadores, marisqueiras que têm na Baía de Sepetiba sua casa. São esses pequenos-grandes desacontecimentos verdadeiras fendas no espaço-tempo das grandes indústrias, dos portos, da mídia de massa. A baía que ninguém vê, longe da “cidade”, é morada e vida de muita gente que disputa espaço com os tais megaprojetos de desenvolvimento no Rio de Janeiro. São essas vidas atingidas as protagonistas neste livro que nasce no desejo de contribuir para que a teia fina dessas vidas atingidas – banais, invisíveis- mostre sua força a mais gente. Não há outra história senão a contada.



9 788573 705641